

Edson Ferreira | Frei Ildo Perondi | Frei Rogério Goldoni Silveira

# SANTO LIVRO II

Perguntas sobre a Bíblia



**Santo Livro II**  
**Perguntas sobre a Bíblia**



**Edson Ferreira  
Ildo Perondi  
Rogério Goldoni Silveira**

# **Santo Livro II**

## **Perguntas sobre a Bíblia**

**E-book**



São Leopoldo  
2021

© Dos autores – 2021

Editoração: Oikos

Capa: Juliana Nascimento

Revisão: Rui Bender

Diagramação e arte-final: Jair de Oliveira Carlos

Conselho Editorial (Editora Oikos):

Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)

Danilo Streck (Unisinos)

Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)

Eunice S. Nodari (UFSC)

Haroldo Reimer (UEG)

Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)

João Biehl (Princeton University)

Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)

Marluza M. Harres (Unisinos)

Martin N. Dreher (IHSL)

Oneide Bobsin (Faculdades EST)

Raúl Fornet-Betancourt (Aachen/Alemanha)

Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)

Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.

Rua Paraná, 240 – B. Scharlau

93120-020 São Leopoldo/RS

Tel.: (51) 3568.2848

contato@oikoseditora.com.br

www.oikoseditora.com.br

S237 Santo Livro II: perguntas sobre a Bíblia. [E-book]. / Edson Ferreira, Ildo Perondi e Rogério Goldoni Silveira. – São Leopoldo: Oikos, 2021.

111 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-65-86578-83-6

1. Bíblia – Comentários. 2. Bíblia – Estudos. I. Ferreira, Edson; Perondi, Ildo; Silveira, Rogério Goldoni.

CDU 22.015

Catálogo na Publicação:  
Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

# SUMÁRIO

Apresentação .....	8
1. O tempo na Bíblia .....	10
2. A árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal ..	12
3. Por que há diferença entre a Bíblia dos católicos e a Bíblia dos evangélicos? .....	14
4. Jesus e a Lei .....	16
5. “Caminhar” na Bíblia .....	18
6. O Êxodo .....	20
7. Anjos .....	22
8. A arca de Noé .....	24
9. Cingir os rins .....	26
10. O batismo de Jesus .....	28
11. Jesus Rei do Universo .....	30
12. A misericórdia na Bíblia .....	32
13. A sabedoria na Bíblia .....	34
14. Os ricos na Bíblia .....	36
15. Mulheres submissas aos maridos .....	38
16. Os alimentos na Bíblia .....	40
17. Os pais e as mães na Bíblia .....	42
18. Apóstolos, discípulos e discípulas .....	44
19. Doenças e demônios na Bíblia .....	46

20. O “espinho na carne” em Paulo .....	48
21. A multiplicação dos pães .....	50
22. Sobre esta pedra... ..	52
23. INRI: o letreiro na cruz de Jesus .....	54
24. As ofertas no Antigo Testamento .....	56
25. Os avós de Jesus .....	58
26. Jesus foi um trabalhador? .....	60
27. O bom pastor .....	62
28. Por que Jesus chamou Maria de “mulher” (Jo 2,4)? .....	64
29. Como ler a Bíblia? .....	66
30. Qual é o ensinamento do Decálogo? .....	68
31. São Paulo: conflitos e frustrações .....	70
32. Salmos imprecatórios: oração ou maldição? .....	72
33. Por que Jesus chamou o apóstolo Pedro de “Satanás”? .....	74
34. O que significa honrar pai e mãe? .....	76
35. Guardar o sábado ou o domingo? .....	78
36. A samaritana era uma prostituta? .....	80
37. “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos!” .....	82
38. “Em verdade, em verdade” e sua relação com “amém” .....	84
39. O bode expiatório .....	86
40. O que significa crer? .....	88
41. Compaixão .....	90

42. Uma só carne .....	92
43. O número da besta (666) .....	94
44. Versículos da Bíblia mal interpretados .....	96
45. O que a Bíblia diz sobre o estupro? .....	98
46. Lúcifer .....	100
47. O cedro do Líbano .....	102
48. Permanecer no Senhor .....	104
49. O Redentor .....	106
50. Santos, perfeitos ou misericordiosos? .....	108
Referências bibliográficas .....	110



# APRESENTAÇÃO

Acredito que uma das melhores sensações após um trabalho realizado é a satisfação. Contemplar com alegria o resultado dos nossos esforços e sob as bênçãos de Deus, perceber nele as marcas das experiências bem vividas e do repertório acumulado, que se juntam na obra para deixar o nosso legado ao mundo, é maravilhoso. Mas, ao mesmo tempo, é bom ter cuidado com essa satisfação contemplativa, porque ela pode plantar em nós a perigosa certeza da missão cumprida, colocando-nos na chamada zona de conforto, onde passamos a viver apenas sob as glórias do passado.

A chegada do Santo Livro II prova, definitivamente, que o nosso quadro com o mesmo nome no programa “Sementes do Reino”, na Rádio Paiquerê 91,7 FM, está em constante atualização, olhando além dos limites do estúdio, com a parceria inestimável dos amigos Frei Ildo Perondi e Frei Rogério Goldoni Silveira, sempre solícitos para as entrevistas semanais, cujo tema central é a Palavra de Deus. Quando lançamos a primeira edição do Santo Livro em 2012, Frei Ildo já falava que “tínhamos material para uma segunda edição”. Ele já antecipava, cheio de entusiasmo, que o trabalho não chegara ao fim; na verdade, nunca chega.

Afinal, é caminhando que se faz o caminho. É no caminho que encontramos os companheiros que ajudam a carregar a bagagem, como o Frei Rogério, fiel discípulo, como eu, que se juntou a nós na jornada para trazer as orientações sobre a Bíblia aos nossos ouvintes com a sua linguagem jovem e atendida com esses tempos de tantas vozes por aí. Os ensinamentos do Frei Rogério também estão elencados neste nosso segundo livro.

São 50 temas à disposição dos nossos leitores, todos gerados nas conversas ao vivo com os professores de Bíblia, com a pauta feita a

partir de dúvidas dos ouvintes ou de acordo com a liturgia do dia. Considerando que os temas são abordados de maneira intertextual, achamos melhor evitar as divisões em Antigo e Novo Testamentos, deixando a leitura bem no clima do programa ao vivo, quando eu e os entrevistados passeamos pelo tema do dia sem restrições.

Cada tema tem o seu conteúdo disposto em duas páginas e, para facilitar a leitura, está apresentado com o mesmo modelo de sucesso da primeira edição: em perguntas e respostas.

Sou muito agradecido pela oportunidade de falar com milhares de pessoas pelo rádio, profissão que me alimenta a alma há 25 anos, bodas de prata exatamente neste mês de fevereiro. Que presente especial este Santo Livro II! O destino reservou-me a honra de apresentar o “Sementes do Reino”, programa que teve origem na década de 1970 e, desde então, vem plantando a fé no coração do nosso povo, ininterruptamente, todos os domingos.

Com certeza, uma parte importante dessa trajetória profissional está representada neste trabalho, que nos enche de satisfação, sempre fortalecendo a fé para seguir produzindo à luz da Palavra de Deus.

Londrina (PR), 06 de janeiro de 2021.

*Edson Ferreira*  
Jornalista

# 1. O TEMPO NA BÍBLIA

**Edson:** *Na Igreja, temos os vários tempos litúrgicos. Como a liturgia divide os diversos tempos durante o ano?*

**Frei:** Sim, a Igreja celebra os mistérios da fé, a revelação e o projeto da salvação de Deus. Por isso a Igreja estabeleceu os tempos litúrgicos próprios. E assim, durante o ano, são celebrados os mistérios de Deus, e também é celebrada a vida do povo de Deus.

*– O que nós celebramos nesses diversos tempos?*

São tempos diversos, assim como é a vida. O ano litúrgico inicia com o tempo de espera, preparação para aguardar Aquele que há de vir (Advento); depois inicia o tempo da vida do cotidiano, marcado pela realidade da vida (Tempo Comum); o tempo da Quaresma é marcado pela penitência e sintonia com a Paixão e Morte de Jesus; a grande celebração da Páscoa (Passagem) da Ressurreição de Nosso Senhor, seguido do tempo pascal até a Ascensão do Senhor e Pentecostes com a vinda do Espírito Santo. Então retornamos ao ciclo normal da vida: mês de maio, de Maria, das Mães; junho e julho, das festas populares; agosto, mês das vocações; setembro, mês da Bíblia; outubro, mês das missões; novembro, mês dos santos e que finaliza com Cristo Rei do Universo.

*– A Bíblia fala do tempo?*

Fala muito. A história da salvação é marcada pelo tempo de Deus, que age nesta história. E um dos textos muito bonitos está em Eclesiastes 3,1-10, onde se diz que “há um tempo para tudo debaixo do céu...” E então há um longo texto que fala do tempo:

Tempo para nascer, tempo para morrer.

Tempo para plantar e tempo para arrancar a planta.

Tempo para matar e tempo para curar.

Tempo para destruir e tempo para construir.

Tempo para chorar e tempo para rir.

Tempo para gemer e tempo para bailar.  
Tempo para atirar pedras e tempo para recolher pedras.  
Tempo para abraçar e tempo para se separar.  
Tempo para procurar e tempo para perder.  
Tempo para guardar e tempo para jogar fora.  
Tempo para rasgar e tempo para costurar.  
Tempo para calar e tempo para falar.  
Tempo para amar e tempo para odiar.  
Tempo para a guerra e tempo para a paz.  
– *Deus tem o seu tempo também?*

Nós dizemos que o Antigo Testamento é o tempo de Deus (Pai), que inicia com a Criação, a escolha e eleição do povo, promessa, aliança, a libertação, a caminhada para a Terra Prometida... Deus vai preparando o seu povo. Depois vem o Tempo do Filho, o tempo do Evangelho: tempo da Anunciação, da Encarnação, do anúncio do Reino, da Paixão, Morte e Ressurreição e da Ascensão. E então inicia o tempo do Espírito Santo, o tempo da Igreja que continua até hoje. Não são tempos separados, pois o Pai, o Filho e o Espírito interagem no tempo. A história é uma história trinitária.

O Apóstolo Paulo afirma: “Quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho nascido de uma mulher” (Gl 4,4). Deus tem seus tempos.

– *Como é o termo “tempo” na Bíblia?*

A língua grega em que foi escrito o Novo Testamento tem dois termos para definir o tempo: 1. *Chronos*: é o tempo marcado, que pode ser medido, cronometrado. É o tempo em que podemos determinar os fatos acontecidos; 2. *Kairós*: é o tempo da graça de Deus, um tempo que não pode ser medido, marcado... É um tempo especial e único. Este é o tempo de Deus!

Nós cristãos devemos estar sempre à espera, viver o tempo da esperança, estar sempre em caminho, em prontidão!

## 2. A ÁRVORE DA VIDA E A ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL

**Edson:** *O livro do Gênesis em 2,9 narra sobre a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Inclusive Gn 2,16 diz que, se o ser humano comesse da árvore do conhecimento do bem e do mal, deveria morrer. Que árvores são essas?*

**Frei:** Bem, este tema é um pouco complexo. Primeiro, seria importante destacar que o Éden não é um jardinzinho como temos lá em casa. São Jerônimo já o havia chamado de *Hortus deliciarum* (horto das delícias). O Éden é um jardim que o próprio Deus planta, lugar de delícias. Embora Gn 2,10-14 trate de situar o jardim, ele é um lugar mítico. Até hoje ninguém o encontrou.

Também é importante destacar que quem **preparou o jardim foi Deus:** ele cultivou o jardim. Jardim, frutos, trabalho (2,15) e comunidade (2,18-24) fazem parte do espaço vital no qual o *ser humano* é inserido.

Romper significa quebrar a própria harmonia originária, ou seja, romper os laços da criação. Literalmente, o texto diz que Deus “elegeu” o ser humano e “lhe deu descanso” no jardim do Éden (Gn 2,15). Possivelmente, isso é uma imagem da entrada do povo na terra prometida (Lv 25,23).

– *São duas as árvores do jardim?*

Esse aceno é importante, pois uma é a “a árvore da vida”, e ela não está relacionada com a queda do ser humano. A proibição de comer recai somente sobre a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2,17).

Portanto podemos entender, de acordo com a tradição rabínica, que essa árvore “do conhecimento do bem e do mal” (Gn 2,17) é um símbolo da Torah (Lei), que foi usurpada pelo ser humano, ou seja, o

ser humano roubou a lei dada por Deus e quis usá-la em benefício próprio, para ser igual a Deus.

– *Mas essa ideia é recorrente na Bíblia, não é?*

Sim, com certeza é. Principalmente nos primeiros capítulos do livro do Gênesis é enfatizada essa “separação” do ser humano em relação a Deus. E o texto da torre de Babel (Gn 11), que fecha esse primeiro bloco do livro do Gênesis, insiste nisso.

– *Mas, se o homem e a mulher podiam comer da árvore da vida, por que Gn 3,22 diz “que agora o ser humano não estenda a mão e colha também da árvore da vida, e coma e viva para sempre”?*

Este texto de Gn 3,22 pode ser interpretado como um ato de profundo respeito do Senhor pelo ser humano. O homem e a mulher começam a fazer escolhas erradas. Por isso o risco de comer da árvore da vida equivaleria ao perigo de o ser humano viver eternamente na maldade.

Entretanto Deus não quer o ser humano imerso em eterno sofrimento e maldade. Por isso é fechado o acesso a essa árvore. Mas a Árvore da Vida surge como um dos prêmios no livro do Apocalipse (Ap 2,7; 22,2.14), ou seja, isso revela que Deus quis proteger o ser humano e não o penalizar, proibindo-o de comer dessa árvore.

– *Ainda hoje o ser humano busca a imortalidade, isto é, não morrer...*

Sim, a morte sempre foi um problema para o ser humano. Por isso o desejo é não morrer. No entanto, desde que nascemos, nós sabemos que um dia vamos morrer. Devemos cuidar da vida e procurar viver o máximo possível, mas não há como escapar da morte. Por isso devemos também nos preparar para esse momento da vida. E o cristianismo tem a resposta para o problema da morte: a ressurreição. Ou seja: a vida eterna, como está no Evangelho de João. A morte não é o fim. É somente o final da vida terrena, porém essa vida continua na eternidade junto a Deus!

### 3. POR QUE HÁ DIFERENÇA ENTRE A BÍBLIA DOS CATÓLICOS E A BÍBLIA DOS EVANGÉLICOS?

**Edson:** *É muito comum escutarmos católicos dizendo que os evangélicos (ou Lutero) rasgaram sete livros da Bíblia e evangélicos afirmando que um papa escreveu mais sete livros e os anexou à Bíblia dos católicos. Por que há diferença entre as duas versões da Bíblia?*

**Frei:** Essas falas são muito comuns, mas carecem de fundamentação. Tudo começou com a escolha do povo de Israel: Deus chamou esse povo e fez história com ele. Foi uma longa história. Aos poucos foram sendo relatadas as experiências que o povo teve com Deus, e assim surgiram os livros da Bíblia.

Mas, no ano 300 a.C., alguns escribas hebreus decidiram traduzir a Bíblia para o grego. A lenda diz que se reuniram em selas separadas, 72 escribas vindos de Israel (seis de cada tribo), e em exatos 72 dias cada um fez uma cópia. Depois de concluídos, viram que os textos eram absolutamente iguais. Por isso essa tradução foi chamada LXX (Setenta) ou *Septuaginta* – Bíblia grega. Embora essa historietinha dos 72 escribas seja uma lenda, foi importante para dar credibilidade à LXX e fazer o texto se propagar.

*– Quer dizer que antes existia a Bíblia escrita em hebraico e, após o ano 300 a.C., surgiu essa versão em grego! Mas e a diferença?*

Sim, fizeram essa tradução. Foi a primeira tradução da Bíblia para outra língua, mas ela não foi aceita pelos hebreus residentes em Israel. Já para os hebreus que viviam fora de Israel foi um acontecimento importante, pois podiam ler, estudar e viver a Palavra de Deus. E aí começa a aparecer a razão da diferença das nossas versões (católica e evangélica) de hoje.

Na prática, os judeus que viviam na diáspora<sup>1</sup> compreenderam que alguns livros escritos fora de Israel faziam parte da história do povo de Deus e por isso também eram inspirados por Deus. Foi assim que incluíram na Bíblia mais sete livros: Eclesiástico, Sabedoria, Tobias, Judite, Baruc, 1 e 2 Macabeus e alguns trechos dos livros de Daniel e Ester e uma Carta de Jeremias.

– *Podemos dizer que, a partir desse momento, temos duas Bíblias: a hebraica e a grega?*

Exatamente. E os judeus gregos ficaram com uma Bíblia grega “maior”, enquanto os judeus ficaram com a Bíblia hebraica “menor”. Mas, no século V, a língua falada e escrita no mundo já não era mais o grego, mas o latim. Em 382, o Papa Dâmaso pediu a São Jerônimo para traduzir a Bíblia e insistiu que ele incluísse os livros da Bíblia Grega, pois o texto grego sempre foi muito lido entre os primeiros cristãos. Essa tradução de São Jerônimo é a chama *Vulgata*, que também ficou “grande”.

Depois disso, em toda a Igreja se usava a Bíblia “grande”. Mas, no século XVI, Martinho Lutero iniciou a Reforma Protestante. Lutero, no desejo de que as pessoas lessem a Bíblia em sua própria língua, fez a tradução para o alemão e traduziu o Antigo Testamento a partir do texto hebraico (menor).

Daí em diante, os movimentos reformistas adotaram a versão “menor”, que também fora adotada por Lutero, enquanto os católicos continuaram com a Bíblia maior.

– *Foi a partir de Lutero, então, que essa diferença se acentuou?*

É isso mesmo! A diferença, portanto, vem de longa data e não aconteceu por uma intervenção do Papa ou uma loucura de Lutero. E é por isso que ainda hoje temos as diferenças: Bíblia católica com sete livros a mais do que a evangélica.

---

<sup>1</sup> O termo diáspora significa “dispersão”. No âmbito da literatura sagrada, refere-se ao momento em que o povo judeu foi dispersado de sua terra após o ano 586 a.C., feito que ficou conhecido como “exílio da Babilônia”.



## 4. JESUS E A LEI

**Edson:** *No Evangelho de Mateus (Mt 5,17-37), Jesus radicaliza a Lei. Por que Jesus é tão duro assim em relação à Lei?*

**Frei:** A chave para entender é o v. 20: “Se a vossa justiça não for maior que a justiça dos mestres da Lei e dos fariseus, vós não entrareis no Reino dos céus”. Jesus não veio para abolir a Lei, mas dar-lhe pleno cumprimento (Mt 5,17).

Os mestres da Lei e os fariseus queriam cumprir a Lei, “ao pé da letra”, e com isso achavam que estavam com a consciência tranquila. Jesus ensina que é preciso cumprir a Justiça, ir além da Lei, pensar a partir da vida.

– *Às vezes, Jesus diz: “Ouviste o que foi escrito”; outras vezes, “o que foi dito”. Por que essa diferença ao se referir à Lei?*

Os judeus tinham a Lei escrita e também a Torá oral. Quando Jesus se refere à Lei escrita, é a Lei que está no Antigo Testamento. E quando ele se refere ao que foi dito, era a lei que vinha da tradição oral judaica.

– *Ao criticar a Lei, Jesus está dizendo que ela não era boa?*

A Lei era boa, foi dada por Deus para proteger o povo. No livro do Deuteronômio diz: “Qual é a grande nação que possui leis sábias como a nossa”? (Dt 4,7). Mas os legistas tornaram a Lei um fardo pesado para o povo. Os fariseus diziam: “Este povinho é maldito, pois não conhece a Lei” (Jo 7,49). A acusação era sobretudo contra o povo do interior, como a Galileia. E diziam que, por isso, o Messias não viria ao mundo.

Jesus olha a vida mais do que a Lei. Se a Lei não serve à vida, não leva à Justiça. O exemplo está na parábola de Mt 20,1-16. Não basta pagar os empregados segundo a lei. Fazer justiça é ir além da lei e pagar para que todos possam viver.

*Jesus cumpriu a Justiça ou a Lei?*

As primeiras palavras de Jesus no Evangelho de Mateus são “Deixa estar para que *cumpramos* toda a Justiça” (Mt 3,15). Jesus se inclui; todos devem cumprir a Justiça, a começar por ele. Jesus coloca em prática o que ele ensina. Não bastam belas teorias; é necessário o testemunho, a prática.

No Sermão da Montanha (Mt 5-7), Jesus atualiza a Lei dando vários exemplos. Ele não quer ensinar que devemos mutilar nosso corpo, cortar nossas mãos, arrancar nossos olhos... Jesus quer ensinar que as nossas mãos devem ser para fazer o bem; nossos olhos devem ser para ver o bem. Não basta dizer: “eu não matei ninguém”, se o nosso pensamento é de morte, se no trânsito fazemos bobagens só porque não existe um guarda na esquina. Isso não significa levar a Bíblia “ao pé da letra”, mas defender a vida.

*– Pode dar um exemplo da prática de Jesus?*

Jesus ensina: “Se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda” (Mt 5,39). Ele não está ensinando que devemos ser bobos e apanhar. Quando Jesus estava preso e sendo condenado e o soldado bateu em sua face, Jesus não ofereceu o outro lado. Jesus disse: “Se falei a verdade, por que me bates?” (Jo 18,23). Jesus não ofereceu a outra face para levar outra bofetada, mas ofereceu a face da Justiça.

Então o texto nos questiona para a prática da verdadeira Justiça, que leva em conta a vida de todos, sobretudo a vida dos mais fracos e desprotegidos.

*– E o apóstolo Paulo foi contra a Lei?*

É importante notar que Paulo, antes de conhecer a mensagem de Jesus, era um fariseu, um judeu praticante da Lei de forma rigorosa. Porém, quando recebeu o chamado no caminho de Damasco (At 9,1-19), percebeu que a Lei não podia estar acima da Vida. Para Paulo, a Lei foi como o “pedagogo”, ela conduziu o povo até a vinda do Messias. A partir daí começou o tempo do Reino de Deus, o tempo da graça e da justiça de Deus, e então a Lei perdeu a sua finalidade (Gl 3,19-29).

## 5. “CAMINHAR” NA BÍBLIA

**Edson:** *A Bíblia fala de caminho? De caminhadas?*

**Frei:** Sim. O resumo da longa história da Bíblia pode ser definido como: “Deus que caminha com seu povo e povo que caminha com seu Deus”. Nosso Deus não é um Deus ausente, parado, imóvel, mas um Deus presente na vida e nos acontecimentos da história e da vida de seu povo. É nessa caminhada que Deus se revela e vai revelando seu projeto.

– *Quais as caminhadas que aparecem na Bíblia?*

Em Gn 12, nós temos o chamado de Abrão e Sara. Deus pede a Abrão que saia da sua terra e caminhe para uma nova terra. Abrão está em Ur dos caldeus, na Babilônia, e é chamado a migrar até Canaã. A distância é grande. Abrão partiu. Não havia os meios de transporte, nem as rodovias, como hoje, portanto a caminhada foi a pé por trilhas à beira dos rios ou pelo deserto.

– *Qual foi a caminhada mais importante da Bíblia?*

Nenhuma caminhada no mundo é tão conhecida e celebrada como a caminhada do povo de Deus que saiu do Egito, atravessando o deserto, e foi para a Terra prometida. Moisés foi o guia. Nessa caminhada aconteceram muitos problemas e dificuldades. Deus caminhava com seu povo. E foi nessa caminhada que Deus fez Aliança, deu a Lei. E nessa caminhada foi também o tempo da pedagogia de Deus, onde Deus educou o seu povo.

– *Temos algum Salmo que fala do caminho?*

Sim. Temos muitos. O primeiro Salmo ensina a ler os demais Salmos e diz que a vida é como dois caminhos: o caminho dos justos e o caminho dos ímpios/perversos. O Salmo 119 é o Salmo que fala sobre a Lei e a Palavra de Deus; é o mais longo dos Salmos, e ali em cada estrofe fala do caminho. Tem uma frase muito conhecida: “Tua

Palavra é lâmpada para os meus pés e luz para o meu caminho” (Sl 119,105).

O povo de Deus fazia muitas caminhadas e peregrinações a Jerusalém. No livro dos Salmos, temos um grupo de orações que eram chamadas “Salmos das Subidas” (Sl 120-136). São Salmos curtos que o povo sabia de cor e falam de caminhar, subir a Jerusalém. Um Salmo bonito é o 121, que serve para qualquer caminhada.

– *No Novo Testamento se fala do caminho. Quem caminha?*

Logo no início do Novo Testamento, nós temos uma caminhada importante. Maria, ao saber que estava grávida, foi visitar sua parente Isabel. Foi uma longa caminhada de Nazaré até Ein Karen, perto de Jerusalém. Em linha reta são uns 70 quilômetros, mas como a região é montanhosa, seguramente foram uns 120 quilômetros. Como Maria foi até lá? Quem foi com ela? Quanto tempo durou? Não sabemos.

Nos Evangelhos, Jesus está sempre em movimento, a caminho. Em Lc 9,51, diz que Jesus tomou resolutamente o caminho de Jerusalém. Mais da metade do Evangelho de Lucas narra fatos e ensinamentos dessa caminhada. Em Jo 14,6, Jesus ensina: “Eu sou o Caminho...”

– *E no início da Igreja?*

Quem não conhece o texto dos dois discípulos de Emaús (Lc 24,13-35)? Jesus vai ao encontro dos dois discípulos que caminhavam tristes. Ele se faz caminhante, companheiro de caminhada e se dá a conhecer.

Os cristãos das primeiras comunidades afirmavam que seguiam o “Caminho” (At 9,2; 18,25-26; 19,23). A Igreja, depois de Pentecostes, sai de Jerusalém e vai para o mundo afora (At 1,8; 2,1ss).

E ninguém pode esquecer do Apóstolo Paulo e suas viagens missionárias. Paulo caminhou pelo mundo afora levando a mensagem de Jesus, formando comunidades.

## 6. O ÊXODO

**Edson:** *O que é o Êxodo?*

**Frei:** Na Bíblia, nós temos um livro que se chama Êxodo. É o segundo livro da Bíblia. É um livro importante que marca a escolha do povo pobre e oprimido para libertá-lo e conduzi-lo à Terra Prometida. Alguns afirmam que o Êxodo é o “Evangelho do Antigo Testamento”, isto é, a boa notícia de Deus a seu povo.

Êxodo significa “saída”, movimento, caminhada. Então o êxodo foi um acontecimento. Foi a saída do povo de Deus, que era escravo no Egito, foi libertado e saiu em direção à Terra Prometida.

– *O povo era escravo no Egito?*

Sim, os descendentes dos patriarcas e matriarcas tiveram que migrar para o Egito por causa de uma grande seca, crise e por falta de alimentos. Eles se estabeleceram no Egito e, depois de algum tempo, se tornaram escravos do faraó. Lá trabalharam na construção das pirâmides.

– *O povo sofria muito?*

Toda escravidão é cruel e má. A escravidão no Egito também foi sofrida. Os inspetores tornaram a vida do povo “dura e amarga” (Ex 1,11.14). Depois veio a ordem de eliminar as crianças. E então o povo clamou e gritou a Deus. Um dos textos mais importantes da Bíblia é Ex 3,7-12, onde diz que o Senhor “viu e ouviu” o clamor de seu povo e “desceu” para libertá-lo. São três verbos importantes, que revelam o rosto de Deus. Um Deus que desce para fazer o povo sair da escravidão e subir para uma nova terra, um lugar de liberdade.

– *Quem foi o líder?*

Moisés foi o grande líder. E temos a parceria bonita: Deus diz a Moisés: “Vai porque eu estarei contigo!” (Ex 3,12). Ou seja: a libertação é de Deus, mas o povo precisa fazer a sua parte.

– *O faraó deixou o povo partir?*

Não. Os hebreus eram escravos, e o rei necessitava deles; eram sua propriedade. Então surge um grande conflito: o faraó diz: “são meus escravos”. Deus diz: “são meus servos”. Acontecem as dez pragas, e finalmente o povo consegue fugir.

– *O povo saiu e ficou livre?*

Não. Logo houve a perseguição do exército do faraó. À frente havia o Mar Vermelho. Com a ajuda de Deus e de Moisés, o povo atravessou o mar, e o exército foi derrotado.

– *Aí acabaram os problemas?*

Caminhar pelo deserto não é fácil. Deserto é lugar onde falta tudo. Faltou água, comida, apareceram serpentes, surgiram inimigos (amalecitas), desânimo... Alguns queriam voltar atrás; houve conflito entre lideranças. Em tudo isso a ação de Deus não faltou. É bonito ler os textos do encontro da água (Ex 15,22-27; 17,1-7); do maná e das codornizes (Ex 16); os textos sobre a vitória contra Amalec (Ex 17,8-16); o conflito em torno da liderança (Ex 18). Foi no meio desses conflitos que Deus educou e formou o seu povo.

– *No deserto teve a parada no Monte Sinai?*

Sim. O Monte Sinai foi o lugar da parada. Moisés já havia feito a experiência da sarça ardente (Ex 3,1-6). Agora no Sinai foi instituída a Aliança, e o povo recebeu a Lei de Deus. Depois disso, a caminhada continuou pelo deserto, enfrentando muitas dificuldades, até chegar nas estepes de Moab, onde já se podia contemplar a Terra Prometida por Deus.

– *Moisés entrou na Terra Prometida?*

Não. Moisés morreu no Monte Nebo, perto da Terra Prometida. Moisés morre contemplando a Terra prometida, onde o povo irá entrar. Moisés não morre como um líder fracassado, castigado por Deus. Mas alguém que morre realizado. Ele acreditou na promessa de Deus e agora pode morrer em paz!

## 7. ANJOS

**Edson:** *A Bíblia fala de anjos? Em quais textos?*

**Frei:** Desde o início da Bíblia, nós encontramos passagens que falam dos anjos. O termo hebraico é *mal'ak*, e ele pode ser traduzido como “anjo” ou “mensageiro”. São muitos os anjos, e existe também o Anjo do Senhor. Em Gn 16,21, Agar vivia uma situação difícil quando foi expulsa da casa de Abraão. É o anjo do Senhor que vai e protege, que dá segurança, dá o amparo para ela. Em Gn 22, que é um capítulo importante, é o anjo do Senhor quem aparece para dizer que não se deve sacrificar Isaac, mas um cordeiro. No livro do Êxodo, também temos a presença do anjo do Senhor na sarça ardente (Ex 3,2). O anjo do Senhor também acompanha o povo na caminhada pelo deserto; na passagem pelo mar é o anjo que dá proteção, está junto. Depois o anjo junto com Josué, com juízes...

*– Os anjos têm nome? Quais são os nomes dos anjos mais conhecidos na Bíblia?*

Os anjos principais (três) têm nome. O anjo Gabriel aparece no livro de Daniel (8,16; 9,21). Gabriel vem de *gabur*, que significa fronteira, confim, na divisa. Gabriel é aquele que vai para as fronteiras. Quando Deus precisa fazer um anúncio a seu povo, ele envia o anjo Gabriel. O segundo anjo é Miguel, que significa “quem é como Deus”. Esse anjo também aparece no livro de Daniel (10,13.21); é o anjo que luta (Ap 12). Nós temos o terceiro, que é o Rafael; vem do verbo hebraico *rafah*, que significa “Deus que cura”.

Em todo o livro de Tobias, é importante ver como o anjo Rafael acompanha Tobias em sua viagem ao estrangeiro, realiza várias curas e exerce um papel fundamental em toda a história do livro, até o retorno feliz de Tobias à casa de seu pai.

*– E no Novo Testamento aparecem anjos?*

No Novo Testamento, temos já no início casos concretos em que há uma teofania – manifestação de Deus. O anjo Gabriel revela em sonhos a José (Mt 1,20) e anuncia a Maria (Lc 1,26) que ela vai conceber e vai dar à luz o Filho de Deus.

Para Jesus, pelo menos em dois casos importantes, nós temos a presença dos anjos: na hora da tentação no deserto, eram os anjos que serviam e cuidavam de Jesus. E no momento da agonia no Horto das Oliveiras, o Evangelho de Lucas (22,43) informa que ali estava o anjo que dava conforto naquele momento. Portanto Jesus também precisou de anjos. Também na ressurreição de Jesus, em Mateus e João, o anúncio é feito por anjos (Mt 28,2; Jo 20,12).

– *Os anjos estão presentes também na caminhada da Igreja?*

Nos Atos dos Apóstolos, também temos a presença de anjos. O Apocalipse é o livro onde os anjos mais aparecem, e as revelações ocorrem por meio de um anjo. No decorrer da caminhada da Igreja, os anjos perderam um pouco o espaço, porque aí entraram os Santos. Ultimamente se está recuperando toda a questão da Angeologia, que tem uma fundamentação bíblica muito forte e importante.

Antes das refeições ou na hora do almoço ou das dezoito horas rezava-se o *Angelus*: “O Anjo do Senhor anunciou a Maria”. É importante recuperar esta tradição: rezar pedindo auxílio aos anjos de Deus. Afinal, eles estão na Bíblia e presentes junto a Deus e nos acompanham em nossa caminhada.

– *Temos a devoção ao Anjo da Guarda...*

E os anjos sobreviveram na devoção popular. Quando éramos pequenos, uma das principais orações que aprendemos era o Santo Anjo do Senhor! É comum quando nasce uma criança as mães colocarem no seu berço a imagem do Anjo da Guarda como um sinal de proteção e cuidado.



## 8. A ARCA DE NOÉ

**Edson:** *A arca de Noé está na Bíblia? O dilúvio aconteceu exatamente como está escrito? Como entender esse trecho?*

**Frei:** O relato sobre o dilúvio está na Bíblia, no livro do Gênesis, nos capítulos 6 a 9. A Bíblia não é um livro de história ou de ciência que conta a história da humanidade. A Bíblia é um livro que transmite a mensagem de Deus. Do ponto de vista histórico, de fato, o texto sobre o Dilúvio é muito difícil de ser comprovado, até porque o fenômeno como é narrado na Bíblia é impossível de ter acontecido. Em alguns lugares, diz que choveu 40 dias e 40 noites; em outro, diz que foram 150 dias de chuva. Eram duas histórias contadas em lugares diferentes com versões diferentes. Essas histórias vieram da tradição oral popular e foram contadas durante muitos séculos.

*– O texto bíblico foi escrito muito tempo depois?*

Sim. Esses textos foram escritos depois do exílio na Babilônia. O autor bíblico fez uma redação e manteve as duas histórias. O certo é que, se olharmos os outros povos, inclusive tribos de índios que foram descobertas, eles trazem em seus arquétipos contos, mitos; todas elas trazem sempre uma história de uma grande catástrofe com água. Portanto o que temos que entender é que algum fenômeno aconteceu para que houvesse a história. Outros explicam que talvez o povo de Deus que estava no exílio na Babilônia e via aquelas grandes enchentes, onde as cidades ficavam debaixo de água, imaginava que era no mundo todo que isso tivesse acontecido.

*– Qual foi a causa do dilúvio?*

Se nós olharmos o que veio antes do dilúvio, vemos que desde o início da humanidade foi cada vez mais aumentando o pecado. Quanto mais aumentava o pecado, em determinado momento havia catástrofe. Isso vale para nós hoje. A mensagem do texto é esta: quando o pecado é demais, nós pagamos pelos nossos erros.

– *E Noé se salvou?*

O texto não quer ressaltar o mal e a catástrofe; quer mostrar que, apesar de tudo, houve um homem justo. E por causa de um homem justo Deus salvou a humanidade – essa é a mensagem. E quando Noé sai da arca, a primeira coisa que ele faz é construir um altar e oferecer a Deus um sacrifício. E aí foi feita a aliança com Deus. Noé representa toda a Criação. É certo que o trecho que narra o dilúvio é bastante difícil. Interessante que, depois de Deus, é o personagem principal e não fala uma palavra sequer em todo o relato.

– *E qual é o símbolo da arca?*

Aquela arca construída é que salvou Noé e sua família! Mais adiante, quando Moisés foi jogado nas águas, houve um cesto (uma frágil embarcação) que salvou sua vida. Quando o povo entrou na terra prometida, o Templo é o lugar que salva o povo! Depois no Novo Testamento, nós temos a cruz de Jesus, que era de madeira (assim como era também a arca de Noé), a cruz que nos salva! Aí depois a igreja é o lugar onde o povo encontra a salvação!

– *A passagem da arca encanta muito as crianças...*

É um dos textos poéticos mais bem construídos que temos na Bíblia. É muito bonito, um justo que salva a humanidade. Noé que trabalha, faz tudo aquilo que Deus manda, obedece. É um modelo de pessoa. Por isso é importante viver bem, de acordo com os planos de Deus, a exemplo de Noé. São as histórias de nossos ancestrais que ajudaram o povo de Deus a viver depois a sua história na caminhada no Antigo Testamento. E hoje ainda fascina pela mensagem que o texto traz: alguém que é fiel a Deus faz a vontade de Deus e por causa de um justo Deus salva o mundo. Não sabemos que região era essa. Alguns colocam que o texto tenha sido escrito na Babilônia; lá havia um texto anterior ao mundo da Bíblia chamado *Epopéia de Gilgamesh*, muito parecido com a história de Noé. Lá sim aconteciam grandes enchentes, pois havia rios, a Mesopotâmia (no meio de dois rios). Essa história foi contada durante mil anos pelo menos e somente depois foi escrita.

## 9. CINGIR OS RINS

**Edson:** *Por que a Bíblia diz que é para cingir os rins? Era uma prática religiosa ou ligada à saúde?*

**Frei:** Nós precisamos entender qual é a ideia que está por trás desse gesto e dessa prática religiosa. Na época em que foi escrito o Antigo Testamento, havia a crença de que os rins eram a sede da vida, portanto eram o lugar onde se originavam todos os sentimentos humanos, e as emoções vinham dos rins.

E inclusive havia uma ideia de que a própria vida vinha dos rins. Se nós vamos ler a Carta aos Hebreus (7,10), percebemos que se acreditava que os rins eram a sede da vida; pensava-se que os espermatozoides vinham dos rins e aí eles eram repassados para a mulher, que, por sua vez, gerava o filho (na época, não se sabia da existência do óvulo na mulher).

Hoje, nós falamos que esses sentimentos e emoções são provenientes do coração. Então o coração seria a sede e origem dos nossos sentimentos; outros afirmam que é o cérebro o lugar dos pensamentos, das reflexões e da nossa inteligência.

*– E o gesto de cingir os rins é recomendado pela Bíblia?*

Quando alguém cometia algum pecado, cometia uma traição à aliança ou quando era para fazer um chamado à conversão, usavam-se gestos concretos. Algumas vezes, menciona-se o gesto de rasgar as vestes, que significa mudança, retirar algo ruim, trocar a roupa pela veste da penitência. Ou então usava-se também o gesto de colocar cinzas sobre a cabeça. E outra prática de penitência que era comum fazer era cingir os rins ou os lombos – o que é a mesma coisa.

No Antigo Testamento, quando o povo se preparava para comer e celebrar a Páscoa (Êxodo 12,1-14), as pessoas deviam estar com os rins cingidos em sinal de penitência, perseverança e vigilância; estar

com as sandálias nos pés porque deviam estar prontos para a saída; e com o cajado na mão, significando a segurança. Então cingir os rins era estar em estado de penitência diante de Deus e vigilância o tempo todo.

– *No Novo Testamento também se fala nisso?*

No Novo Testamento, é o próprio Jesus quem recomenda essa prática de penitência e vigilância: “Tende os rins cingidos e as lâmpadas acesas” (Lc 12,35). As duas ações são sinais de prontidão, de estar preparado, em sinal de vigília e espera. São advertências atuais que Jesus faz e pede que nós devemos estar sempre nesse estado de vigilância. Nós estamos no meio do mundo, que tem situações perigosas, risco de vida, tentações; então proteger os rins é proteger a própria vida.

O apóstolo Paulo tem um texto bonito em Efésios 6,14: “Portanto, ponde-vos de pé e cingi os rins com a verdade e revesti-vos da couraça da justiça”. Nessa passagem bíblica, ele colocou outra questão: os rins cingidos não só no sentido físico (porque as pessoas quando faziam penitências amarravam faixas ao redor dos rins), mas no sentido espiritual. Os cristãos deviam manter-se protegidos pela Palavra de Deus em estado de penitência em qualquer momento da vida, sobretudo quando andavam pelo mundo, e precisavam estar sempre preparados inclusive para o martírio, para dar testemunho e não cair em tentação.

– *E isso vale também para nós hoje?*

Isso vale para nós hoje. Não podemos cair na tentação de aceitar projetos que não estão de acordo com a vontade de Deus, iludir-nos, não cuidar dos outros, não praticar a caridade. Nós devemos ter uma atitude de vigilância constante, estar sempre a serviço do projeto de Deus, cuidar de nossa espiritualidade, alimentar a nossa vida com a oração, manter a perseverança; isso seria o sentido de estar com os rins cingidos hoje.

## 10. O BATISMO DE JESUS

**Edson:** *Como era feito o batismo de João Batista e onde era o local que ele batizava?*

**Frei:** João batizava no rio Jordão na região de Jericó, perto do deserto da Judeia. As pessoas iam até ele, ouviam sua pregação, aceitavam o chamado à conversão e à penitência e então eram batizadas. O batismo de João consistia em descer às águas, isto é, por imersão. A pessoa era afundada na água para renascer e surgir como uma nova criatura, purificada. Portanto, era um batismo de conversão e arrependimento, de mudança de vida. Descia o “homem velho” para subir o “homem novo”. O batismo de João Batista era somente para homens adultos. Não temos informações se ele batizou mulheres e crianças.

*– Se o batismo era conversão dos pecados, por que Jesus foi batizado se ele não tinha pecados?*

Esta é uma questão polêmica e difícil. O batismo de João Batista era para a conversão dos pecados, e nós afirmamos que Jesus era igual a nós em tudo menos no pecado (Hb 4,15). Então Jesus foi até João Batista e deixou-se batizar. Primeiro, para ser solidário com todos os pecadores e também para dar testemunho. Segundo, porque já começa a cumprir sua missão. Assim como ele vai carregar a sua e nossa cruz, Jesus também carrega sobre si os pecados de toda uma humanidade.

*– Qual é o efeito do batismo para Jesus?*

No momento do batismo, uma voz do céu confirma a missão de Jesus: “Tu és o meu Filho Amado” (Lc 3,22). Em todo o Antigo Testamento, é o Pai quem fala. No Novo Testamento, só no Batismo e na Transfiguração ouvimos a voz de Deus. Agora é a vez do Filho. A partir do batismo é a voz de Jesus que é a Palavra de Deus.

O batismo também é o início da vida pública de Jesus. Ele assume a sua missão logo após o batismo e inaugura o projeto do Reino de Deus. Então começa a ensinar e fazer o bem.

*– O batismo de arrependimento continuou depois da morte de João Batista?*

Alguns discípulos de João Batista continuaram batizando. Em Atos 19,1-3, algumas pessoas só haviam recebido esse tipo de batismo. A missão de João Batista era preparar o caminho de Jesus. Ele dá testemunho de Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus”. No Evangelho de João, o Batista diz: “É preciso que Ele cresça e eu diminua” (Jo 3,30).

*– Qual a diferença do batismo cristão do batismo de João?*

Depois da morte e ressurreição de Jesus, a Igreja passou a batizar em todos os lugares. A diferença principal é que o batismo agora é “em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”; é um batismo trinitário. O batismo cristão insere-nos na grande família de Jesus; pelo batismo nos tornamos filhos de Deus. O batismo substitui a circuncisão. É o sinal da nossa pertença a Deus.

*– Era feito também por imersão?*

É muito discutível. É certo que o batismo é sempre praticado com o uso da água, que significa purificação, vida nova, renascer. Nos Atos dos Apóstolos e Cartas de Paulo, famílias inteiras são batizadas: de Cornélio (At 10,47-48); de Lídia (At 16,15); do carcereiro de Filipos (At 16,33); de Estéfanos (1Cor 1,16), etc. Portanto, parece que já se batizavam também crianças; algumas famílias eram batizadas nas casas, e então parece que não era por imersão. Mas a Igreja no início continuou com os dois ritos: por aspersão e por imersão.

*– Quais os efeitos do batismo?*

Batismo é vida nova, é compromisso com Jesus Cristo e sua proposta. O batismo é rito de inserção do fiel na comunidade cristã. Batismo é por toda a vida! Por isso nós batizados precisamos dar testemunho, viver a nossa fé. O batismo não é um rito mágico; é compromisso de viver uma vida nova a serviço do Reino de Deus.

## 11. JESUS REI DO UNIVERSO

**Edson:** *Nós celebramos no último domingo do Tempo Comum a festa de Jesus Rei do Universo. Que festa é essa?*

**Frei:** No último domingo do Tempo Comum na liturgia, antes do início do Tempo de Advento, a Igreja celebra a Festa de Jesus Cristo Rei do Universo. É o ápice, o ponto de chegada do tempo litúrgico. Celebra-se Jesus, que assume a missão de ser o Redentor de toda a humanidade.

– *Então Jesus foi Rei?*

Sim e não. Se nós estamos pensando nos reis terrenos que governam países e impérios, então precisamos dizer que Jesus não foi e não quis ser rei (Jo 6,15). Em sua despedida, alguns apóstolos ainda pensavam que Jesus assumiria um reinado político (At 1,6-7), porém Jesus nunca quis o poder político em Israel, embora exigisse que o poder político fosse exercido a serviço do povo. Ele agiu como profeta diante dos reis e reinos de sua época.

– *Mas seu projeto se chamava Reino?*

Quando pensamos que Jesus veio instaurar o Reino de Deus (ou Reino dos Céus, no Evangelho de Mateus), então sim precisamos dizer que Jesus é o Rei do Universo. Jesus aceita o título de rei diante de Pilatos. Isso está nos quatro Evangelhos (Mt 27,11; Mc 15,2; Lc 23,3; Jo 18,33-39). Jesus quer demonstrar o caráter universal de seu projeto. O Reino é a mudança total, a construção de uma nova sociedade sem opressões, sem injustiças, uma sociedade fraterna e justa.

– *Jesus apresentou-se como rei?*

Jesus anunciou o Reino de Deus. Não é fácil explicar o que é o Reino para Jesus, pois Ele nunca o define claramente. Jesus sempre compara o Reino com algumas parábolas ou sinais. O Reino é como a semente, como o tesouro escondido, como a rede cheia de peixes, como o fermento na massa... Se Jesus realiza sinais em favor da vida, é um

sinal de que o Reino de Deus começou. Na oração do Pai-Nosso, Jesus pede ao Pai que o Reino venha (Mt 6,10; Lc 11,2). Certa vez, depois da multiplicação dos pães, sabendo que o povo queria fazê-lo rei, Jesus afastou-se sozinho para uma montanha (Jo 6,15). O povo queria que Jesus resolvesse todos os seus problemas. Não foi para isso que Jesus veio.

– *Jesus entrou em Jerusalém aclamado como rei dos judeus?*

Sim. Quando Jesus entra em Jerusalém, quer cumprir a profecia de Zc 9,9, que dizia que o Messias entraria humilde e montado num jumentinho. No entanto, Jesus não buscou o poder, mas o serviço. “Eu estou no meio de vocês como quem serve” (Lc 22,27); “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos” (Mc 10,45). No lava-pés, Jesus mostra sua humildade e o serviço (Jo 13,1-16).

– *É isso que a Igreja celebra no dia de Jesus Rei do Universo?*

Sim, a Igreja celebra a vitória de Jesus e de seu projeto. Mesmo que ainda não esteja realizado, que o projeto de Deus não esteja concretizado no mundo. O Reino é sempre uma proposta urgente e necessária. Porque vivemos o antirreino. Não é isso que nós queremos. Não é isso que Deus quer.

– *O que é o antirreino?*

É o contrário do Reino de Deus. São os projetos imperialistas que dominam as nações, que exploram os mais pobres. Não podemos dizer que é da vontade de Deus quando algumas pessoas ou alguns grupos econômicos possuem tanto e, por outro lado, tantos passam fome. Quando grupos invadem a Amazônia e destroem a floresta – como se fosse deles – só para obter lucro e massacram os povos indígenas; a riqueza nas mãos de alguns poucos é sempre uma ofensa a Deus!

– *Como as primeiras comunidades cristãs viveram esse projeto?*

No Livro dos Atos dos Apóstolos e na Primeira Carta de João, nós encontramos exemplos de como as primeiras comunidades cristãs procuravam viver uma sociedade nova, justa, fraterna com partilha...



## 12. A MISERICÓRDIA NA BÍBLIA

**Edson:** *O Papa Francisco fala muito em misericórdia. Chegou até a anunciar um Ano da Misericórdia. O que significa misericórdia? O que a Bíblia fala sobre a misericórdia?*

**Frei:** A palavra “misericórdia” vem do termo hebraico *hesed*. Na raiz latina está o termo “cordis”, isto é, coração. Ambos significam o agir com sentimento de amor e bondade, isto é, com o coração. É assim que Deus age e é assim que Deus espera o nosso agir diante de nossos irmãos e das pessoas que estão em necessidades.

– *Você poderia nos dar alguns exemplos na Bíblia?*

No livro do Êxodo, o Senhor revela-se como um Deus de compaixão e piedade diante das dores de seu povo (Ex 34,6). Diante das angústias e dificuldades que o povo encontra o Senhor seu Deus, que “é um Deus misericordioso” (Dt 4,31), porque não esquecerá o povo com o qual fez a Aliança.

No Livro do Profeta Oseias, escrito mais de 700 anos antes de Cristo, Deus já pedia: “Misericórdia é que eu quero e não sacrifícios; conhecimento de Deus, mais do que holocaustos” (Os 6,6). Ou seja: muitos queriam agradar a Deus oferecendo grandes sacrifícios a Deus. Mas Deus diz que o que lhe agrada é quando o povo age com misericórdia, com amor. Não basta o cumprimento da Lei ou a oferta de sacrifícios, mas Deus espera a prática da justiça e do amor diante dos irmãos mais necessitados.

– *Jesus falou de misericórdia?*

Sim. Jesus cita esta passagem do Profeta Oseias no Evangelho de Mateus: “Ide, aprendei o que significa: ‘Misericórdia quero, e não o sacrifício’. Com efeito, eu não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mt 9,13). Portanto, diante dos pecadores e sofredores, Jesus pede que é preciso agir com misericórdia. Foi isso que Jesus mesmo prati-

cou diante das pessoas oprimidas e marginalizadas que o procuravam.

No Evangelho de Lucas, Jesus afirma: “Sede misericordiosos, como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Essa é a busca fundamental de quem se dispõe a seguir o projeto de Jesus. Se nós somos filhos de Deus, devemos agir seguindo o modelo do Pai. Ele é misericordioso, age com misericórdia e é assim que Ele espera que seus filhos ajam no mundo.

– *Uma das bem-aventuranças fala da misericórdia?*

Na quinta bem-aventurança, Jesus ensina: “Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7). Portanto, a misericórdia é uma busca; devemos ser misericordiosos, pois um dia também nós precisaremos da misericórdia e então vamos encontrá-la da parte de Deus.

– *Jesus contou alguma parábola sobre a misericórdia?*

Em Lucas 15 estão as três parábolas que são chamadas de “as três parábolas da misericórdia”. Curiosamente, a palavra misericórdia não está no texto. Mas diante de cem ovelhas e uma que se perde, o pastor age com misericórdia; diante de dez moedas perdidas, a mulher procura até encontrá-la; diante do filho que se perde, o pai age com misericórdia... São parábolas que refletem o agir de Deus. E foram contadas por Jesus diante dos doutores da Lei, que criticavam Jesus porque acolhia publicanos e pecadores e o acusavam de comer com eles. Eles queriam que Jesus aplicasse o rigor da Lei. No entanto, Jesus não exclui, mas acolhe. Age com misericórdia, com amor.

– *Algum outro texto importante?*

A Carta de Tiago tem uma frase importante que afirma: “O julgamento será sem misericórdia para quem não pratica a misericórdia” (Tg 2,13). Ou seja: somos nós que estabelecemos os critérios para o nosso julgamento diante de Deus. Se nós agimos com misericórdia, se praticamos a misericórdia com os outros, também vamos ser acolhidos e julgados com misericórdia.

## 13. A SABEDORIA NA BÍBLIA

**Edson:** *O que significa a sabedoria na Bíblia?*

**Frei:** A Sabedoria é um dos grandes temas da Bíblia. Junto com a Lei, os Profetas, a História e os Salmos, nós temos também a Sabedoria. Na Bíblia, nós temos um conjunto de livros sobre a Sabedoria, que são: Livro de Jó, Provérbios, Eclesiastes, Eclesiástico, Sabedoria e Cântico dos Cânticos. São livros que não falam muito de Deus, de liturgia e de assuntos espirituais. Falam da vida, de como saber gerenciar bem a vida. Não adianta ir diante de Deus com boa vontade, cumprir as leis, se lá fora a vida não vai bem.

– *Então o que é a sabedoria?*

Sabedoria é saber viver bem a vida. Saber gerenciar o dia a dia. Saber relacionar-se bem consigo mesmo, com os outros, com a natureza, com as coisas e com Deus. Quem sabe viver bem é um sábio. Podemos dizer que a sabedoria é aquilo que faz o ser humano viver bem. A sabedoria provém da reflexão sobre a práxis; é o discernimento da verdade e da justiça e que dá vida (cf. Pr 23,24; 24,3-7; 3,13-18). E então se descobre o valor da vida. Descobre-se o valor do trabalho livre, o valor da palavra e do testemunho, o valor da pobreza. A sabedoria também revela a injustiça e a dominação social e, de outro lado, revela a verdadeira imagem de Deus; o valor da vida como dom de Deus (Pr 4,4.23; 9,6).

– *E a Bíblia fornece alguma receita de como ser sábio?*

A sabedoria não se ganha de graça. Ninguém nasce sábio. Por isso é preciso pedir a sabedoria a Deus. Mas é preciso mais; um dos princípios da sabedoria é: “Adquire a sabedoria com todos os teus ganhos, adquire a inteligência” (Pr 4,7). Outro princípio da sabedoria é o temor do Senhor (Pr 1,7). Na época, havia escolas em que os mestres ensinavam aos meninos como podiam adquirir sabedoria. Por-

tanto, sábio é aquele que observa a vida, que reflete. O sábio sabe fazer perguntas, questiona. O sábio sabe defender-se das ciladas que o mundo oferece.

– *Onde adquirir a sabedoria e onde ser sábio?*

Em todos os lugares. Mas alguns espaços são fundamentais. Em casa, o pai deve ensinar os filhos a ser sábios; na escola, os mestres ensinam os estudantes a crescer com sabedoria; na praça da cidade, discute-se a sabedoria; no trabalho, é preciso ser sábio; e também na corte aqueles que administram o país precisam agir com sabedoria.

– *Todos são sábios na Bíblia?*

Não. Há um forte conflito entre os sábios e os ímpios ou perversos. Os ímpios são aqueles que não vivem a sabedoria, são maus, armam ciladas; por isso é preciso ter cuidado com eles. Os ímpios são os de fora, mas podem ser também os péssimos judeus, aqueles que não vivem a fé, que dão mau exemplo e que procuram atrair os justos. Ao contrário, os justos são aqueles que vivem a vida de acordo com o temor do Senhor e os ensinamentos da Lei.

– *Quais os recursos utilizados para expressar a sabedoria?*

São muitos. O provérbio é um deles. A fábula, uma boa historinha, resolver enigmas e sentenças difíceis. Uma oração (Salmo) também pode revelar sabedoria. O Salmo 1 revela o conflito entre os justos e os ímpios. Os justos dedicam-se a conhecer a Lei de Deus, enquanto os ímpios ou perversos maquinam seus planos nas praças.

– *Hoje devemos ser sábios?*

Sim. O mundo de hoje exige sabedoria. Saber administrar a própria vida. Saber defender-se das ciladas do mundo moderno. Saber viver bem num mundo consumista e onde parece que vivemos para trabalhar e consumir. Por isso os pais devem ensinar a sabedoria aos filhos, não esperar que a escola ou a rua eduquem seus filhos. O preço a pagar depois pode ser caro demais. Em épocas de eleições, sempre há os perversos que enganam o povo.

## 14. OS RICOS NA BÍBLIA

**Edson:** *Onde está a passagem bíblica que Jesus diz: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco da agulha do que um rico entrar no Reino de Deus”?*

**Frei:** Essa passagem encontra-se em três Evangelhos (Mt 19,24; Mc 10,25; Lc 18,25). Portanto, se três evangelistas registraram essa passagem, a credibilidade de que essas foram palavras pronunciadas por Jesus é maior.

*– E como essa passagem foi interpretada ao longo da história?*

Durante a história foram tentadas algumas hipóteses para suavizar a situação. Alguns preferiram mudar o termo grego *kamelon*, que significa “camelo”, por *kamilon*, que significa “corda”. Outros inventaram que em Jerusalém havia um buraco (tipo uma porta) onde um camelo deveria se espremer para assim conseguir passar. São tentativas grotescas para tentar suavizar a expressão e encontrar uma explicação mais fácil.

Jesus critica a riqueza injusta, aquela que é acumulada à custa da exploração dos outros; hoje poderíamos dizer também da corrupção. É tirar dos outros o que é de todos. A riqueza acumulada impede a partilha, que é a proposta de Jesus.

*– E por que Jesus tinha essa atitude diante dos ricos?*

O rico é um ingrato muitas vezes. Não agradece a Deus pelo que recebeu, mas julga que é unicamente graças a seu esforço. Uma vez que recebeu mais, deveria também ser generoso e partilhar mais e ajudar quem mais precisa.

Na Bíblia, nós encontramos muitas passagens contra os ricos. Se os pobres são os bem-aventurados (Mt 5,3; Lc 6,20), aos ricos é dito “Ai de vós os ricos...” (Lc 6,24). Várias parábolas dos Evangelhos são contra os ricos.

Um dos textos mais duros da Bíblia está na Carta de Tiago. Tiago critica os ricos e sua riqueza, sobretudo aquela obtida sem pagar o salário dos trabalhadores... Essa riqueza enferruja.

– *Mas então quem pode se salvar?*

Essa foi a pergunta dos discípulos a Jesus. Jesus veio buscar e salvar todos. E temos um dos textos mais belos da Bíblia em Lc 19,1-10, quando Jesus vê Zaqueu e se oferece para hospedar-se em sua casa. Ao entrar, Jesus afirmou: “Hoje a salvação entrou nesta casa”. Zaqueu então promete devolver o que roubou e dar parte de seus bens aos pobres.

O rico pode salvar-se, desde que sua preocupação principal não seja a riqueza. Seu “deus” não pode ser o dinheiro e a riqueza. O rico pode fazer de sua riqueza um instrumento de salvação. Quando o rico partilha, pode contribuir para um mundo melhor, pode ajudar a construir projetos novos, fazer pessoas saírem de sua situação de pobreza e exclusão. É muito melhor praticar a caridade do que a esmola. Porém, é sempre bom também lembrar a frase final de Jesus na passagem: “Para Deus nada é impossível” (Mc 10,27; Lc 18,27).

– *O ensinamento de Jesus continua válido para hoje?*

Sim, mais do que atual. Não estamos falando do pequeno empresário, da classe média. Porém dos super-ricos. Daqueles que roubaram, que cresceram economicamente especulando, daqueles que diante das crises e dos mais pobres não abrem a mão. E isso vale para as grandes multinacionais. A desigualdade social e econômica no mundo de hoje é uma vergonha, um escândalo. Mas também precisamos pensar nos países mais ricos, que exploram os países mais pobres, roubam seus recursos. Essas denúncias foram feitas tantas vezes por Jesus, e a Doutrina Social da Igreja continua denunciando as riquezas injustas e a falta de uma distribuição justa dos bens.

Se Deus, que é tão rico e pródigo, partilha seus bens com todos, por que algumas pessoas querem apropriar-se de tantos bens, inclusive recursos vitais como a terra e a água, somente para obter altos lucros?

## 15. MULHERES SUBMISSAS AOS MARIDOS

**Edson:** *A Bíblia diz que as mulheres devem ser submissas aos homens? Como explicar essa ideia da submissão das mulheres?*

**Frei:** Na Carta aos Colossenses, o apóstolo Paulo diz que “as mulheres sejam submissas aos seus maridos como convém ao Senhor” (Cl 3,18). A afirmação está também na Carta aos Efésios, onde Paulo trata da moral doméstica (Ef 5,21–6,9). É aí que Paulo afirma: “As mulheres estejam sujeitas aos maridos como ao Senhor, porque o homem é cabeça da mulher. Como Cristo é cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos maridos” (Ef 5,22-24).

– *Qual é o contexto dessas afirmações?*

É preciso entender que o cristianismo tem sua origem no judaísmo, onde a mulher praticamente não contava nada. A mulher tinha pouca importância na sinagoga. Quem devia cumprir a Lei eram os homens. O homem podia dar carta de divórcio à mulher, mas a mulher não podia pedir o divórcio ao homem. O cristianismo avançou muito nessa questão, passou a se reunir nas casas, que era o “chão da mulher”. As mulheres começaram a participar da Igreja em igualdade com os homens. Elas podiam orar e profetizar nas assembleias (1Cor 11,5); havia mulheres diaconisas como Febe (Rm 16,1); a Igreja podia reunir-se na casa de uma mulher, como é o caso de Lídia (At 16,15).

– *Mas elas precisavam ser submissas aos maridos?*

É bom ler bem o texto. Em Colossenses diz: “Sejam submissas como convém ao Senhor”. Portanto, não é qualquer submissão; não é que os maridos podiam dominá-las, como no judaísmo ou no mundo grego. Essa submissão é do jeito que agrada ao Senhor. Na Carta aos Efésios, diz-se que as mulheres sejam sujeitas aos maridos “como ao Senhor”. Há uma comparação, um jeito de submissão. A mulher deve estar diante de Deus. É assim que ela deve estar diante de seu marido.

– *O homem é cabeça da mulher?*

O apóstolo Paulo e Jesus não frequentaram a mesma escola. Jesus, ao tratar da questão das mulheres, segue uma escola diferente de Paulo. Jesus prefere basear-se em Gênesis 1,26-27, que diz que Deus criou o homem e a mulher juntos “homem e mulher os criou” e Deus viu que tudo era muito bom. É isso que Jesus responde aos fariseus que perguntaram a Jesus se era lícito o homem repudiar sua mulher por qualquer motivo (Mt 19,1-9; Mc 10,1-12).

– *Paulo não pensava assim?*

Paulo estudou na escola dos fariseus. Esses preferiam ler Gn 2, onde Deus havia feito a mulher a partir da costela do homem. Então Paulo vê a mulher dependente do homem. Isso ajuda a entender os textos acima. Mas Paulo não quer dizer que as mulheres devem ser submissas em todos os sentidos, mas como ao Senhor. E Paulo entende que Deus nos deu a liberdade. E o próprio Paulo afirma que não há mais separação entre homem e mulher (Gl 3,28).

– *E essa norma era só para as mulheres?*

Muitos leem só essa primeira parte, e então é em prejuízo das mulheres. É preciso ler todo o texto, pois Paulo coloca o dever dos maridos também. “Maridos, amai vossas mulheres como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (Ef 5,25). Portanto, há um dever grande também para os maridos. Não é qualquer tipo de amor, mas igual ao amor de Jesus Cristo pela sua Igreja. Ora, como Cristo amou sua Igreja? Amou até doar a própria vida. Assim deve ser o amor dos maridos em relação às mulheres. Igual ao amor de Cristo pela sua Igreja.

– *As normas eram para as mulheres como para os maridos?*

Os cristãos queriam saber como deveriam comportar-se agora na nova vida cristã. O que Paulo quer ensinar é que homem e mulher formam um só corpo. As mulheres devem amar os seus maridos. E os maridos devem honrar e respeitar suas mulheres, amá-las como Jesus amou sua Igreja, isto é, dando a vida por ela. A Primeira Carta de Pedro diz que os homens que tratam mal suas mulheres não terão suas orações ouvidas por Deus (1Pd 3,7).



## 16. OS ALIMENTOS NA BÍBLIA

**Edson:** *O que a Bíblia fala sobre os alimentos?*

**Frei:** Na Bíblia, encontramos muitos textos que falam sobre os alimentos. Já no início da Bíblia, em Gênesis, Deus diz: “Eu vos dou todas as ervas que dão semente, que estão sobre toda a superfície da terra, e todas as árvores que dão frutos que dão semente, isso será vosso alimento” (Gn 1,29). No início, deveríamos ser vegetarianos.

– *E quando isso mudou?*

Depois do dilúvio. O ser humano passou a trabalhar o solo, e isso exigiu um alimento mais consistente. Então Deus diz: “Tudo o que se move e possui vida vos servirá de alimento, tudo isso eu vos dou, como vos dei a verdura das plantas. Mas não comereis a carne com a sua alma, isto é, com o seu sangue” (Gn 9,4). Portanto, há uma evolução necessária.

– *E a carne de porco?*

Mais tarde, veio a Lei, e então muitos alimentos foram considerados impuros. Nem todos os animais poderiam servir de alimento. Foi usado um critério: só podiam servir de alimento os animais que tivessem o casco fendido e que ruminassem os alimentos. A lista está em Levítico 11. O coelho, a lebre, embora sendo ruminantes, não tinham o casco fendido. E o porco também: “tereis como impuro o porco porque, apesar de ter o casco fendido, partido em duas partes, não ruma” (Lv 11,7). Por isso os judeus até hoje não comem carne do porco. Além de outros tipos de animais, como os peixes que não possuíam escamas não podiam servir de alimento.

– *E Jesus, como viu isso, mudou alguma coisa?*

Jesus faz uma mudança importante em relação aos alimentos. Ele ensina que todos os alimentos são puros. E nada há que, entrando no homem, pode torná-lo impuro. Mas é o que sai de dentro do homem que torna o homem impuro. Com isso Jesus torna puros todos os alimentos (ver Marcos 7,14-23).

– *E o Apóstolo Pedro?*

É muito conhecida a passagem de Atos 10, onde o Apóstolo Pedro tem uma visão de um lençol descido dos céus em que aparecem todos os tipos de animais. E Pedro, mesmo estando com fome, nega-se a comê-los, e a voz do céu lhe diz: “Ao que Deus purificou não chames tu de profano”.

– *O apóstolo Paulo?*

Paulo andava por todas as partes e anunciava a mensagem do Evangelho. Ele comia com as pessoas aquilo que lhe serviam. Em Gl 2,11-14, Paulo tem um problema com Pedro sobre a refeição entre os pagãos. Outro problema eram as carnes sacrificadas aos ídolos e vendidas no mercado. Paulo usa a questão da consciência (1Cor 10,23-30). E conclui: “Quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Cor 10,31).

Temos ainda o texto da Primeira Carta a Timóteo, que afirma que “tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível se tomado com ação de graças, porque é santificado pela Palavra de Deus e pela oração” (1Tm 4,4).

– *E hoje?*

Os judeus que só possuem o Antigo Testamento continuam não comendo carne de porco, pois seguem a Lei. Algumas Igrejas, como a Adventista do Sétimo Dia, continuam seguindo as normas do Antigo Testamento e não comem certos alimentos. Nós cristãos podemos comer de acordo com a nossa consciência. Mas é bom recordar que o alimento deve ser tomado com oração, com a bênção. O momento da refeição deve ser um momento de encontro, de partilha.

No livro do Eclesiastes, há uma recomendação importante: “Eis que a felicidade do homem é comer e beber, desfrutando do fruto do seu trabalho; e vejo que isso também vem da mão de Deus” (Ecl 2,24). Ou seja: devemos fazer do momento da refeição um momento de prazer, alegria, ação de graças e encontro.

## 17. OS PAIS E AS MÃES NA BÍBLIA

**Edson:** *A Bíblia fala dos pais?*

**Frei:** Sim, na Bíblia reflete-se muito sobre os pais e mães, pois são eles que geram a vida, transmitem a fé e as tradições recebidas das gerações passadas. São os pais também que devem educar os filhos. Viviam-se no sistema de “clãs” e onde o pai tinha uma função importante; era ele o chefe do clã.

– *Nos Dez Mandamentos há um que é específico sobre os pais?*

Sim. O quinto mandamento é justamente: “Honra teu pai e tua mãe, para que os teus dias se prolonguem na terra que o Senhor, teu Deus, te dá” (Ex 20,12; Dt 5,16). É um mandamento importante, uma exigência. Os filhos devem engrandecer o nome dos pais e mães. Além disso, assumem o compromisso de dar uma sepultura digna no final da vida deles.

– *Temos os nossos “pais da fé”. Quem são eles?*

A tradição judaica transmitiu-nos os nomes, o exemplo e as promessas recebidas pelos nossos pais e mães da fé. São eles: Abraão e Sara; Isaac e Rebeca; e Jacó, Lia e Raquel. Daí vieram os filhos de Jacó e os nomes das doze tribos de Israel. Foram os pais e mães da fé que iniciaram a caminhada da fé na Bíblia, que receberam as promessas de Deus, fizeram a Aliança. Por isso a Bíblia e a tradição judaica recordam muito desses nomes.

– *Os pais e mães têm a missão de transmitir a fé e as tradições?*

– Sim, é como uma obrigação. O Salmo 78 diz: “O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o escondermos a nossos filhos, nós o contaremos à geração seguinte... Ordenando a nossos pais que os transmitissem aos seus filhos, para que a geração seguinte os conhecesse, os filhos que nasceriam. Que se levantem e contem a seus filhos para que ponham em Deus a sua confiança, não se esqueçam dos feitos de Deus e observem seus mandamentos” (Sl 78,3-7).

Outro texto importante é: “Escuta, meu filho, a disciplina do teu pai, não desprezes a instrução da tua mãe” (Pr 1,8). Na liturgia da Sagrada Família (primeiro domingo depois do Natal), a primeira leitura é de Eclesiástico 3,1-16, que traz um ensinamento muito bonito.

Por isso existe uma reciprocidade: os pais e mães devem educar e transmitir valores aos filhos e, do outro lado, está o dever dos filhos de ser dóceis e acolher esses ensinamentos, pois é disso que depende o futuro da vida.

– *Jesus teve um pai e uma mãe também?*

Jesus era Filho de Deus, mas também precisou de um pai terreno. Conhecemos dos textos da anunciação que Maria teria um filho nascido de seu ventre e as belas cenas de seu nascimento. José era um homem justo (Mt 1,19), que recebeu a missão de ser o pai adotivo de Jesus. Jesus era conhecido como “o filho de José” (Lc 4,22) ou “o filho do carpinteiro” (Mt 13,55). Também era conhecido como “o filho de Maria” (Mc 6,3; Mt 13,55). Outros textos mencionam a mãe de Jesus (Mt 2,20; Lc 2,51; Mc 6,31; Jo 2,1-12; 19,25-27; At 1,14, etc.). Os textos bíblicos informam que “seu pai e sua mãe estavam admirados com o que diziam dele” (Lc 2,33) e que “Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52).

– *Mas como Filho de Deus chamava Deus de Pai.*

Sim. Quando Jesus se dirige a Deus, Ele o chama de Pai; Ele é o Filho. Basta ver na oração do Pai-Nosso (Mt 6,9; Lc 11,2) e na longa oração de Jo 17. Em outras vezes, ele usa um termo mais carinhoso: “Abbá” (Mc 14,36), que quer dizer “paizinho querido” (ou como os nordestinos se referem ao pai chamando-o de “painho”, é uma expressão judaica muito carinhosa e afetiva. Na oração do Getsêmani (Lc 22,42) e suas últimas palavras na cruz (Lc 23,46).

– *Outros textos do NT falam de pais e filhos?*

Sim, encontramos vários ensinamentos que se referem ao bom relacionamento que deve haver entre pais e filhos (Ef 6,1-5; Cl 3,20; 2Tm 1,5).

## 18. APÓSTOLOS, DISCÍPULOS E DISCÍPULAS

**Edson:** *Qual é a diferença entre apóstolos e discípulos? Quantos eram na época de Jesus?*

**Frei:** A palavra “apóstolo” quer dizer “enviado”. Por isso Jesus chamou e instituiu os Doze Apóstolos. É o grupo constitutivo de Jesus. Assim como, no Antigo Testamento, temos as Doze Tribos, no Novo Testamento, nós temos o grupo dos Doze Apóstolos.

*– E os discípulos quantos são?*

Discípulo é um termo mais amplo. Lucas informa que Jesus enviou 72 discípulos em missão (Lc 10,1). 72 é 12 x 6, portanto um número alargado. Já no Evangelho de João, não se usa o termo “apóstolo”; todos são discípulos de Jesus. E encontramos até a figura do “Discípulo amado” (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7.20.24), que é modelo para todos os que são seguidores de Jesus.

Discípulo é quem é chamado e responde. Então vem o seguimento de Jesus e depois o envio missionário. Portanto, todo discípulo é também um missionário. No final do Evangelho de Mateus, há o mandato de Jesus: “Ide e fazei que todas as nações se tornem discípulos” (Mt 28,19).

*– Havia também mulheres entre os discípulos de Jesus?*

Sim, com toda a certeza. E Lucas inclusive diz que havia um grupo de mulheres que seguiam e serviam Jesus com aquilo que elas possuíam (Lc 8,1-3). Esse grupo das mulheres é muito importante, pois é o grupo fiel a Jesus e que permanece fiel até o fim. Nem no momento da cruz se afastaram, mas permaneceram lá, olhando de longe... E esse grupo das mulheres são as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus.

*– Voltando aos apóstolos, havia o grupo dos Doze...*

Esse grupo era especial e importante para Jesus. Segundo o Evangelho de Marcos, eles foram chamados e constituídos para três finali-

dades: a) estar com Jesus; b) ser enviados a pregar; c) fazer o bem, praticar a caridade e libertar as pessoas de seus males (Mc 3,13-19).

– *Judas Iscariotes era um dos Doze?*

Sim, ele foi chamado e constituído como os demais. Mas ele não foi fiel. Lucas diz que “ele se tornou um traidor” (Lc 6,16; At 1,16). Por isso foi substituído por Matias (At 1,23), e assim o grupo dos Doze foi recomposto novamente. Portanto, o grupo dos Doze é daqueles que conviveram, estiveram juntos, foram testemunhas, foram chamados e instituídos por Jesus.

– *Mas nós também falamos de Paulo Apóstolo...*

É verdade. Paulo utiliza para si o termo apóstolo. Ele nunca afirma que é um dos Doze. Paulo não viu Jesus pessoalmente, não conviveu com ele. Mas teve uma visão de Jesus Ressuscitado quando seguia para o caminho de Damasco (At 9,3-9). E então recebeu a missão de evangelizar os gentios (At 9,15). E é por isso que utiliza para si o termo apóstolo. “Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado para ser apóstolo” (Rm 1,1). “E a vós eu digo, enquanto apóstolo das nações” (Rm 11,13). Portanto, Paulo entende que também foi chamado por Jesus para uma missão que era levar o Evangelho de Jesus a todas as nações pagãs. Paulo é apóstolo, mas não é um dos Doze.

– *A Conferência de Aparecida falou de discípulos missionários...*

Sim. Os bispos latino-americanos, reunidos na Conferência de Aparecida, afirmaram e pediram que os batizados sejam “discípulos missionários”. Os discípulos e discípulas devem ser missionários e missionárias, são chamados/as a seguir Jesus e levar e anunciar a mensagem do Reino de Deus. Isso por meio de palavras, mas sobretudo por meio de seu testemunho.

Todos nós pelo batismo fomos chamados por Jesus, fomos escolhidos e por isso devemos ser discípulos missionários com a missão de levar a boa notícia do Evangelho a todas as pessoas em todos os lugares do mundo (At 1,8).

## 19. DOENÇAS E DEMÔNIOS NA BÍBLIA

**Edson:** *Jesus curava doenças e expulsava demônios. É a mesma coisa?*

**Frei:** Não é. Na época de Jesus, na Terra Santa e região, havia o entendimento de que, quando alguém sofria, podia ser por causa de uma doença ou seria coisa dos demônios.

– *Qual é a diferença?*

Quando o mal era visível e quando se sabia a causa ou como tratar, isso era considerado uma doença. Por exemplo: cegueira, febre, feridas, sangramentos, mão seca eram doenças, e Jesus curou muitas pessoas com essas enfermidades.

– *E quando não se sabia a causa?*

Então se dizia que era coisa do demônio, pois atrapalhava a vida das pessoas. Quando não se sabia a causa dos distúrbios e perturbações e nem como livrar-se desses males, era um sinal de que havia alguma coisa de errado. E então se atribuía a causa aos demônios. Exemplo: epilepsia, surdo-mudo, gagueira, pessoa alterada, lunáticos, etc. Pessoas com depressão e estresse seriam consideradas como coisa dos demônios. Não se sabia a causa e nem como libertar essas pessoas.

– *E como Jesus conviveu com isso?*

Marcos e Mateus procuram distinguir as duas ações. Eles afirmam que traziam até Jesus “enfermos e endemoninhados” (Mc 1,32; 3,10-11; Mt 4,24-25; 8,16). Os Evangelhos dizem que Jesus “curava doentes e expulsava demônios” (Mc 1,34; Mt 8,17). Essa é também a missão dos Doze, que “expulsavam muitos demônios e curavam muitos enfermos” (Mc 6,13).

– *E os leprosos?*

A questão da lepra era diferente. Os leprosos não eram considerados nem doentes tampouco endemoninhados, mas pessoas impuras. Por isso deviam ser excluídas da sociedade, viver fora da cidade.

Os Evangelhos não dizem que Jesus curou os leprosos, mas que os purificou. Ou seja: devolveu a eles a dignidade de pessoas. Eles, depois de purificados, podiam entrar novamente em suas casas, em suas comunidades, no Templo... Jesus tira as pessoas do estado de impureza, de exclusão e marginalização.

– *Então não havia tantos demônios assim naquela época?*

Não havia. Era uma forma de dar uma explicação para as doenças de que eles não sabiam a causa. Então as atribuíam aos demônios. Nos Evangelhos, temos o caso do epiléptico. Na época, era considerada coisa do demônio; atualmente, nós sabemos que é uma doença.

– *E hoje?*

Em nossa realidade, há muito charlatanismo. Há pessoas que se aproveitam da dor dos pobres, da ingenuidade das pessoas e enganam essas pessoas dizendo que tudo é coisa do demônio. Há muita cura e libertação, mas que, na prática, é enganação. É uma maneira de arrancar o dinheiro do povo. Fazem de conta que operam milagres, mas é só uma autossugestão. Logo depois, tudo volta novamente. Se Jesus voltasse hoje, ficaria muito revoltado com certas coisas que se fazem em Seu Nome, principalmente porque se exploram os mais fracos com o objetivo de arrancar dinheiro das pessoas.

– *Em nossa sociedade, quase não temos mais leprosos, mas há outros que são excluídos e marginalizados?*

Sim, temos muitas pessoas e grupos que são excluídos pela sociedade. Hoje, há outras formas de marginalizar as pessoas. As pessoas com HIV, grupos LGBTIs, as pessoas com deficiência são ainda excluídas e discriminadas, há racismo contra os negros, índios, nordestinos... Enfim, aqueles que se acham os melhores querem discriminar e menosprezar os mais fracos. É tão triste que alguém seja discriminado ou excluído por aquilo que é; quem discrimina não percebe que está diante de um filho ou filha de Deus, diante de um irmão ou irmã. Deus é Pai de todos!



## 20. O “ESPINHO NA CARNE” EM PAULO

**Edson:** *O apóstolo Paulo dizia que tinha um “espinho na carne”. Que tipo de espinho era esse que tanto incomodava Paulo?*

**Frei:** É bom ver o contexto e o texto onde está essa passagem. É na Segunda Carta de Paulo aos Coríntios: “... para eu não me encher de soberba, foi-me dado um *espinho na carne* – um anjo de Satanás para me espancar – a fim de que não me encha de soberba. A esse respeito três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Respondeu-me, porém: ‘Basta-te a minha graça, pois é na fraqueza que a força manifesta todo o seu poder’. Por conseguinte, com todo ânimo prefiro gloriar-me das minhas fraquezas, para que pouse sobre mim a força de Cristo” (2Cor 12,7-9).

– *Que tipo de espinho seria?*

Existem várias possibilidades de interpretação. Os biblistas encontram dificuldades para explicar esse texto. A primeira explicação é tomar o texto “ao pé da letra” e entender que era um espinho fincado no pé. É bom lembrar que, naquela época, era preciso caminhar muito; não havia os meios de transporte que temos hoje. Portanto, ter um espinho no pé devia doer muito e dificultar as caminhadas. Mas, junto com Paulo estava Lucas, que era médico. Por que não teria feito uma cirurgia e retirado o espinho?

– *Outras explicações quais seriam?*

Paulo estaria usando uma metáfora. Como hoje, quando dizemos “estou com um peso nas costas”, “estou com dor no coração”, “estou com o coração partido”, etc., não estamos falando de uma dor física, mas de um problema emocional ou de sentimentos. Então Paulo poderia estar se referindo a um problema psicológico, com o qual devia conviver e encontrava muitas dificuldades. Poderia ser um acesso de loucura ou pânico. Tanto que Paulo atribui isso a Satanás. E,

naquela época, quando não se sabia a causa de uma doença ou de uma perturbação psíquica (e nem como curá-la), se dizia que era coisa do demônio.

*– E há outras interpretações ainda?*

Sim, outros sugerem que poderia ser a circuncisão. Como judeu, Paulo foi circuncidado no oitavo dia. Era uma operação feita no corpo e que não podia ser retirada. Portanto Paulo, mesmo não dando mais tanta importância à circuncisão, precisava conviver com ela. Já outros ainda acham que seria a resistência dos judeus (seus irmãos de sangue – na carne) em aceitar a fé cristã. Isso era como uma ferida na carne para Paulo.

*– E como Paulo convivia com esse tal de “espinho”?*

É importante ler o texto todo. Paulo vê a situação como um momento para a ação da graça de Deus. A graça só age quando nós nos abrimos ao dom de Deus. Isso só acontece na fraqueza, quando nos humilhamos, quando não somos soberbos. É na fraqueza que a graça pode agir: “Basta-me a tua graça!”. Ou como dirá mais adiante: “Quando sou fraco é que sou forte” (2Cor 12,10).

*– E nós hoje temos também nossos “espinhos na carne” e como podemos conviver com eles?*

É certo que temos. Jesus mesmo ensinou: “Quem quiser me seguir tome a sua cruz de cada dia e siga-me”. Portanto, seguir Jesus é bonito, mas tem seus “espinhos”. Ser cristão hoje é saber carregar a sua cruz, dar testemunho diante de um mundo que não quer saber dos valores cristãos. Então, só o fato de trazermos o nome de cristãos já nos diz que teremos que conviver com dificuldades e problemas. Mas há outros “espinhos”: as doenças, depressões, estresse, medos, desemprego, dificuldades econômicas, dificuldades na família, parentes e amigos que estão envolvidos com drogas, vícios, etc. Diante disso devemos aprender a conviver com o nosso “espinho” e nos abrir à graça de Deus. A nossa fraqueza pode tornar-se a nossa força quando sabemos confiar em Deus e conviver e aceitar certas limitações que a vida nos impõe.

## 21. A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

**Edson:** *Como explicar a passagem da multiplicação dos pães?*

**Frei:** Os quatro Evangelhos narram que Jesus fez a multiplicação dos pães para a multidão faminta. Aliás, os Evangelhos de Mateus e Marcos narram que foram duas: uma no território judeu, onde sobraram doze cestos; e outra em território pagão, onde sobraram sete cestos.

– *Por que Jesus multiplicou os pães?*

Jesus viu as multidões famintas e teve compaixão. Na época de Jesus, a situação social e econômica estava muito difícil; havia muito desemprego e, portanto, a fome estava muito presente. Jesus se compadece, pois a falta de alimento imobiliza as pessoas, enfraquece de tal maneira que a pessoa fica incapaz para tudo.

– *Como foi a multiplicação?*

Primeiro, não podemos negar o milagre. Jesus tinha o poder e podia realizar sinais e milagres. Segundo, Jesus pede que alguém ofereça o que tem e coloque em comum. Para que houvesse a multiplicação, foi preciso partilhar. Isso acontece hoje também quando fazemos um encontro e cada um traz o que tem, partilha e coloca em comum o que tem. Uns colocam mais e outros menos. Mas o resultado é que todos se alimentam e ficam saciados. E sempre também há sobras.

– *Jesus reza e pede o pão de cada dia?*

Jesus não aceitou a facilidade que Satanás lhe ofereceu, pois o pão não pode vir das pedras e nem da parte do diabo (Mt 4,3; Lc 4,3). Mas Jesus realiza a verdadeira multiplicação. E até no Pai-Nosso reza para que o Pai nos “dê o pão de cada dia” (Mt 6,11; Lc 11,3).

– *E a multiplicação dos pães tem a ver com a Eucaristia?*

Sim. O Evangelho de João, que é o único onde Jesus faz um longo comentário sobre a multiplicação dos pães, apresenta-o como o

Pão da Vida (Jo 6,35.48). Ou seja: não basta saciar a fome do pão material, mas é preciso pensar também no pão eucarístico, que sacia e alimenta a nossa vida espiritual.

– *E há outras explicações?*

Sim, há uma outra explicação que é dada pelo próprio Jesus. Talvez seja a mais difícil. Jesus manda que os discípulos olhem para o que sobrou: “Quando parti os pães para os cinco mil homens, quantos cestos recolhestes?”. Disseram: “Doze”. “E para os quatro mil, quantos cestos recolhestes?” Disseram: “Sete”. Então lhes disse: “E nem mesmo assim compreendeis?” (Mc 8,19-21).

– *Como explicar isso?*

Jesus manda olhar para as sobras. Ora, doze era o número das tribos de Israel, dos apóstolos. Quando Jesus realizou a multiplicação na Terra de Israel, sobraram doze cestos (Mt 14,13-21; Mc 6,30-44); na multiplicação em terra estrangeira, sobraram sete cestos (Mt 15,32-39; Mc 8,1-10). Sete era o número das nações pagãs que ocupavam a terra de Israel (Ex 3,9). Sete serão os diáconos escolhidos para ajudar as viúvas (At 6). Assim, Jesus ensina-nos a olhar para o resto. É com aquilo que sobra que Jesus constrói a sua Igreja.

– *Alguma ligação com o Antigo Testamento?*

Sim. Na longa caminhada pelo deserto, quando o povo teve fome, Deus saciou o povo com o maná e as codornizes (Ex 16). Então Jesus dá ao povo o pão que sacia a fome das multidões.

– *Qual é a mensagem para o mundo de hoje?*

As quatro explicações devem ser estas: a) reconhecer a ação de Jesus e a compaixão que teve diante das multidões famintas; b) é preciso partilhar o pão se quisermos saciar a fome das pessoas famintas; c) é preciso partilhar o pão eucarístico para alimentar a nossa vida espiritual; d) é preciso olhar para o resto, o que sobra. A Igreja é construída sobre o resto, o que sobra.

## 22. SOBRE ESTA PEDRA...

**Edson:** *No Evangelho, Jesus diz a Pedro: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja”. Como explicar isso?*

**Frei:** A frase acima está no Evangelho de Mateus (16,18). Porém é importante notar que primeiro é Simão Pedro quem reconhece Jesus: “Tu és o Messias (Cristo), o Filho de Deus vivo!” (Mt 16,16). É depois dessa resposta tão forte e tão afirmativa, quando Pedro reconhece quem é verdadeiramente Jesus, que – por sua parte – Jesus reconhece quem é também Pedro.

– *“Pedro” e “pedra”, existe alguma relação entre esses dois termos?*

O nome original de Pedro quando foi chamado era Simão (que quer dizer: “aquele que ouve”), mas Jesus mudou seu nome para “Pedro”, que em aramaico quer dizer “kepha”, isto é, Pedro (*Petros* em grego), ou “kefa”, que quer dizer “rocha, gruta, pedra”.

Outra explicação é que, na língua hebraica, pedra é *‘eben*. Com as duas primeiras letras é possível formar a palavra *‘ab* – “pai” e com as duas últimas forma-se a palavra *ben* – “filho”. Então Pedro devia ser como o líder: pai dos discípulos e ao mesmo tempo um filho. Assim formaria uma família. A família que deve ter solidez e firmeza como as pedras, que sobrevivem às intempéries, às dificuldades do caminho.

– *Mas quem era mesmo Simão Pedro?*

Simão era um pescador da região do Mar da Galileia. Era de Betsaida (a casa da pesca), uma cidade ao norte do Mar da Galileia, e tinha uma casa em Cafarnaum. Ele é o primeiro dos Doze a ser chamado (Mt 4,18; Mc 1,16). É sempre o primeiro de todas as listas dos Doze Apóstolos (Mt 10,2; Mc 3,15; Lc 6,14; At 1,13). Está presente em todos os momentos importantes da vida de Jesus, junto com Tiago e João. Nos Atos dos Apóstolos, é ele quem lidera o início da Igreja

(At 1,12ss), faz o discurso em Pentecostes (At 2,14-36), é perseguido e preso e defende o anúncio do Evangelho em nome de Jesus diante do Sinédrio (At 4,1ss), é ele quem é responsável pelo batismo dos primeiros pagãos (At 10,44-48) e que lidera o Concílio de Jerusalém (At 15).

– *E sobre essa “pedra” Jesus construiu a sua Igreja?*

Sim, ao mudar o nome, muda também a missão de Simão. Ele era um simples pescador de peixes. Agora será o líder do grupo dos Doze. Ele será o responsável por conduzir a Igreja. Pedro é “pedra”, é rocha segura e firme e que dá segurança. Mas Pedro pode ser “gruta”, local de acolhida, refúgio e segurança. A Igreja deve ser isto: local de acolhida e de proteção para o povo de Deus.

– *Ele é o fundamento, a pedra fundamental?*

Não. O fundamento é Jesus Cristo (1Cor 3,11). Jesus é a pedra fundamental de sua Igreja. Mas a Igreja é de Deus e é nossa também. É divina e é humana também. Pedro representa esse lado humano da Igreja.

– *Mas Pedro era também um pecador?*

– Sim, nos Evangelhos de Mateus e Marcos, Pedro é chamado enquanto pescador; no Evangelho de Lucas, ele também está pescando, mas sua condição é outra: “Afasta-te de mim, Senhor, pois sou um pecador” (Lc 5,8). Portanto, os Evangelhos não escondem a santidade nem a fraqueza de Pedro. Isso mostra que a Igreja é divina e também humana. A Igreja somos nós. Pedro é um dos nossos; tem sua santidade, mas também suas fraquezas. Nem por isso Deus desiste de nós e de sua Igreja. Mas Pedro é mais santo do que pecador, assim como a Igreja de hoje, que tem seus pecados, mas é santa, faz mais coisas santas do que pecados, mesmo que os escândalos de um membro da Igreja sempre sejam notícia, mas a caridade e o bem que são feitos quase nunca aparecem.

## 23. INRI: O LETREIRO NA CRUZ DE JESUS

**Edson:** *Qual é o texto mais antigo escrito sobre Jesus?*

**Frei:** Curiosamente, a escrita mais antiga que nós temos sobre Jesus não é um escrito que aparece pela primeira vez na Bíblia, embora esteja nos Evangelhos. É o letreiro que foi colocado acima da cabeça de Jesus no momento da cruz. A existência desse escrito vem da informação que está nos quatro Evangelhos: Mt 27,37; Mc 15,26; Lc 23,38; Jo 19,19-22. Portanto, foi escrito por outros no madeiro e só depois entrou na Bíblia.

– *Quem escreveu o letreiro?*

Só o Evangelho de João informa que foi Pôncio Pilatos quem escreveu: “Pilatos redigiu também um letreiro e o fez colocar sobre a cruz; nele estava escrito: Jesus Nazareno, o rei dos judeus” (Jo 19,19). Os outros evangelistas não informam quem foi que escreveu. Mas dificilmente os oficiais romanos iriam colocar um título assim, tão “perigoso”, sem a autorização de Pilatos.

Segundo Mateus, Marcos e Lucas, era um título (uma epígrafe), mas, segundo o Evangelho de João, era um letreiro. E o Evangelho de João informa que “muitos judeus o leram porque o local onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade” (Jo 19,20).

– *E o que estava escrito?*

Todos nós conhecemos e já devemos ter visto a inscrição INRI sobre a cruz de Jesus. Mas parece que na cruz estava escrito o letreiro completo. O tetragrama INRI indica as iniciais de *Iesus Nazarenius, Rex Iudaeorum*, cuja tradução é “Jesus Nazareno, Rei dos Judeus”.

É bom lembrar que no hebraico, grego e latim não existe a nossa letra “J”. Em hebraico, a letra correspondente é o Yod, que, no português, é transliterado com “J” ou “I”. Isso acontece também no grego e no latim.

– *Era costume colocar inscrições sobre a cruz dos condenados?*

Fora da Bíblia, na literatura sobre o Império Romano, foram encontradas várias vezes informações parecidas. Não é certo que em todos os crucificados se colocasse a inscrição com o motivo de sua morte. Mas há outros casos conhecidos.

– *E em qual língua estava escrito o letreiro?*

Segundo o Evangelho de João, o letreiro estava escrito em três línguas: hebraico, grego e latim. *Hebraico* era a língua de Jesus e na qual ele anunciou o Evangelho; *grego* era a língua da cultura da época e na qual foi escrito o Novo Testamento; *latim* era a língua do Império Romano e que se tornará a língua da Igreja mais tarde.

– *O letreiro indicou a causa da morte de Jesus. Qual foi?*

Pelo letreiro nós sabemos que Jesus foi morto como um subversivo. A pena da crucifixão era aplicada a assassinos, ladrões e subversivos. Em nenhum lugar, Jesus é acusado de assassino ou ladrão. Portanto, a causa da morte é porque Jesus representava um perigo para o sistema da época.

– *Jesus queria ser o Rei dos Judeus?*

Não. Jesus nunca quis ou pretendeu tornar-se um rei, ocupar o lugar de Herodes ou Pilatos. O projeto de Jesus é mais amplo; não era somente para o Estado de Israel, mas para toda a Humanidade. Ele pregava a construção de um mundo novo, justo e fraterno, uma nova sociedade baseada na justiça, na partilha e na solidariedade. Isso era considerado um perigo para a sociedade elitista da época, que excluía a maioria das pessoas e beneficiava alguns poucos (como é o sistema capitalista hoje).

– *O letreiro foi bem aceito por todos?*

As autoridades dos judeus não gostaram, pois elas também foram cúmplices da morte de Jesus. Os líderes reclamaram: “Não escreva: ‘o rei dos judeus’, mas: ‘Este homem disse: ‘Eu sou o rei dos judeus’””. Pilatos, no entanto, respondeu bruscamente: “O que escrevi está escrito!” (Jo 19,21-22).



## 24. AS OFERTAS NO ANTIGO TESTAMENTO

**Edson:** *Como eram as ofertas no Antigo Testamento?*

**Frei:** O rito de apresentar oferendas fazia parte da liturgia judaica. A oferta consistia na apresentação de algo agradável a Deus, sobretudo para reparar ofensas cometidas contra a Aliança. Podiam ser ofertas individuais ou da comunidade.

No Livro do Levítico, encontramos vários ritos litúrgicos (Lv 1-7). Esses serviam para a relação da pessoa ou sobretudo da comunidade com o Deus que veio visitar seu povo e habitar em seu Santuário. Os mais importantes eram: holocaustos, sacrifícios de comunhão e oblação.

– *O que era um holocausto?*

Era uma oferta em que a vítima seria totalmente consumida pelo fogo, queimada (Lv 1,1-17). O ofertante colocava a mão sobre a cabeça da vítima (Lv 1,4) para significar que a oferta era sua. Retiravam-se a pele (couro) e os excrementos, e o restante era consumido pelo fogo para que subisse até Deus com um agradável odor.

– *O que era uma oblação?*

Era a oferta de produtos da terra (Lv 2,1-15); é muito semelhante às ofertas na Festa das Primícias (Lv 2,14-15; Dt 26,1ss). Eram ofertas que também tinham o objetivo de reparar pecados cometidos. Porém, eram destinadas aos lavradores, agricultores que não tinham gado. Eles ofertavam seus produtos no Templo, e parte desses produtos era queimada com incenso, justamente para fazer subir o perfume até Deus e assim tornar-se uma oferta agradável e obter o perdão dos pecados.

– *E o que era um sacrifício de comunhão?*

Também era uma oferta de animais. Retiravam-se o couro e os excrementos (para evitar mau cheiro). A vítima era repartida entre o ofertante, os sacerdotes e Deus (Lv 3,1-17). Era um banquete sagrado,

em que uma parte importante (gordura e os rins) era queimada para que subisse com um agradável odor até Deus. Outra parte era oferecida e consumida pelos sacerdotes (cf. Lv 7,28-29), e a parte restante era consumida pelo ofertante, sua família e pela comunidade. Toda vítima devia ser toda consumida; não podia haver sobras. Era um momento de partilha; por isso se dizia que era um “sacrifício de comunhão”.

– *Havia também o sacrifício pelo pecado?*

Sim, esses sacrifícios (Lv 4-5) eram oferecidos tanto pelo sumo sacerdote (4,1-12), pela assembleia (4,13-21), por um chefe (4,22-26) ou por um homem do povo (4,27-35). Havia também os sacrifícios de reparação, quando um pecado havia sido praticado por inadvertência (5,14-26).

– *Podia ser qualquer tipo de animal?*

Na apresentação das oferendas de animais, geralmente era indicado que o animal podia ser grande, médio ou pequeno. Dessa forma, mesmo as pessoas mais pobres poderiam fazer sua oferta, que seria tão bem acolhida como a oferta de quem tivesse mais posses. Os mais pobres podiam oferecer um casal de pombas (Lv 1,14; 5,7). Outro elemento importante é que o animal devia ser puro, isto é, não ter defeitos.

– *E o que era o Dia das Expições?*

O dia mais importante do ano era o Dia das Expições (*Yom Kippur*); era celebrada a festa da expiação dos pecados cometidos durante o ano (Lv 16). Além dos sacrifícios normais, havia também a presença de dois bodes, que eram sorteados. O bode sobre o qual caísse a sorte “de YHWH” (do Senhor) era sacrificado, e o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos com o sangue. Esse é o “bode expiatório”. O outro bode sorteado “de Azazel” (do diabo) não era sacrificado, mas recebia sobre si os pecados do povo e era conduzido para o deserto – “e o bode levará sobre si todas as faltas deles para uma região desolada” (Lv 16,22). Esse era o “bode emissário”.

## 25. OS AVÓS DE JESUS

**Edson:** *No dia 26 de julho, celebra-se o Dia dos Avós. Quem são os avós de Jesus? E de onde vem essa tradição?*

**Frei:** A tradição da Igreja transmitiu-nos a informação com os nomes dos avós maternos de Jesus: Joaquim e Ana. Essa informação está no protoevangelho de Tiago.

*– E por que esse Evangelho não entrou na Bíblia?*

Nos primeiros séculos do cristianismo, foram escritos muitos Evangelhos. Lucas diz ao iniciar seu Evangelho: “Visto que muitos tentaram compor uma narração dos fatos que se cumpriram entre nós...” (Lc 1,1). Isso nos mostra que foram escritos muitos Evangelhos sobre a vida de Jesus. Alguns se perderam. Nem todos entraram na Bíblia. A canonização dos livros do Novo Testamento ocorreu alguns séculos mais tarde. Para que um Evangelho entrasse no cânone da Bíblia, eram necessários alguns critérios. Um deles que o Evangelho tivesse começo, meio e fim. Ou seja: que narrasse toda a mensagem de Jesus. O protoevangelho de Tiago só narra até o nascimento e nada sobre a vida adulta de Jesus. Por isso não entrou assim como tantos outros.

*– O que se diz sobre Joaquim e Ana no protoevangelho de Tiago?*

O protoevangelho de Tiago informa que Joaquim era um homem de muitas posses e costumava fazer muitas oferendas no Templo. Essa era a prática das pessoas justas e piedosas (chamados “hassidins”). Mas o sacerdote Rubem, do Templo de Jerusalém, desconfiou de Joaquim, porque ele fazia boas ofertas, mas não tinha descendência. Portanto, devia ser um homem amaldiçoado por Deus.

*– Por que o sacerdote pensava assim de Joaquim?*

Joaquim era de idade avançada e não tinha filhos. Havia a ideia de que, se alguém fizesse ofertas a Deus, seria abençoado na vida. Logo Deus deveria ter abençoado Joaquim em virtude de suas ofertas. Não ter filhos em idade avançada era sinal de castigo e de maldição divina.

– *Por que o fato de não ter filhos era visto como uma maldição?*

– Porque os filhos eram considerados uma bênção de Deus. Se um casal não tivesse filhos, seria o fim daquela geração. A sua história acabaria ali com eles. Isso era considerado um castigo divino. Ao contrário, o nascimento de filhos seria um sinal da graça de Deus e que aquela família continuaria a sua geração.

– *O que foi que Joaquim fez então?*

Joaquim afastou-se do Templo, deixou sua casa e sua esposa Ana e foi para o deserto, onde fez um jejum de quarenta dias e quarenta noites. Lá ele se colocou diante de Deus, mostrando a sua situação. E foi visitado por um anjo de Deus. Também sua esposa Ana se colocou em oração a Deus e recebeu a visita do anjo.

– *O que foi que o anjo prometeu?*

O anjo prometeu tanto para Joaquim como para Ana que suas orações foram ouvidas por Deus. Eles teriam descendência. Com isso Joaquim encerra seu jejum e retorna para casa, e um tempo depois Ana engravida e depois dá à luz uma menina, a quem dão o nome de Maria (ou Myriam) e que será a mãe de Jesus, o Messias.

– *Como a Bíblia vê um fato assim?*

Quando uma mulher estéril engravidava e dava à luz, era considerado um milagre, uma intervenção de Deus. Isso ocorreu com Sara: era de idade avançada e estéril e deu à luz Isaac (Gn 17,19). Também Rebeca era estéril (Gn 25,21), engravidou de gêmeos e deu à luz Esaú e Jacó. Outro caso é de Ana, que teve suas orações ouvidas por Deus e deu à luz Samuel (1Sm 1). No Novo Testamento, temos o caso de Isabel, que era de idade avançada e sem filhos. Deus ouviu as orações de Zacarias, e Isabel deu à luz João, o precursor do Messias (Lc 1,5-25).

– *Joaquim e Ana tiveram mais filhos?*

Segundo uma tradição, além de Maria, eles tiveram outra filha com o nome de Salomé. Ela é mencionada em Mt 27,56 e seria a mãe dos filhos de Zebedeu. Em Jo 19,25, informa-se que aos pés da cruz com a mãe de Jesus estava a sua irmã.

## 26. JESUS FOI UM TRABALHADOR?

**Edson:** *Jesus era carpinteiro ou filho de carpinteiro? Ele trabalhou com as próprias mãos?*

**Frei:** O texto do Evangelho de Marcos informa literalmente que “Jesus era o carpinteiro” (Mc 6,3). Já no Evangelho de Mateus, a informação é que Jesus era filho de José, “o carpinteiro de Nazaré” (Mt 13,55). As duas informações não são contraditórias. Os filhos geralmente eram conhecidos em sua relação com os pais. Também era comum que os filhos seguissem a profissão dos pais; nesse caso, Jesus trabalhou na carpintaria de Nazaré com José.

*– A carpintaria de José era em Nazaré?*

José era de Belém e mudou-se para a Galileia, no norte do país, uma pequena cidade chamada Nazaré. A profissão de carpinteiro era muito honrada, pois era necessária nas construções. Naquela época, o rei Herodes, o Grande, estava construindo a cidade de Séforis e também uma grande represa, um aqueduto, na região norte do país. Essa é uma das possibilidades que os biblistas indicam por que José, sendo de Belém, estava morando em Nazaré.

*– Mas José tinha a sua carpintaria?*

Com certeza, José possuía uma carpintaria, em que fabricava móveis, artesanato, objetos de madeira trabalhada, etc. Nessa oficina, Jesus deve ter trabalhado com o pai José. O trabalho iniciava cedo, e era comum os filhos ajudarem os pais.

*– Que outros trabalhos Jesus deve ter realizado?*

Embora não se informe claramente, Jesus demonstra profundo conhecimento de agricultura e pecuária. É possível que José também tivesse alguma lavoura, onde cultivasse videiras para produzir uvas e obter o vinho; oliveiras para produzir o óleo; outras frutas comuns naquela região. E com certeza possuía ovelhas e cabras, que eram necessárias para a carne nas refeições e o leite diário. Ou seja: isso era

comum entre as famílias daquela época e com José não devia ser diferente. Basta ver como Jesus menciona muito esses elementos em seus ensinamentos, nas parábolas, etc.

*– E Jesus era um pescador?*

Esse é outro detalhe importante. Embora na região de Nazaré não houvesse rios e lagos. Mas o Mar da Galileia não era muito distante. A pesca, naquela época, não era tanto uma diversão, como acontece hoje em muitos lugares. As pessoas iam pescar para ter o alimento. Outros pescavam como profissão para a sobrevivência. Novamente se nós lermos os Evangelhos, vamos perceber que Jesus conhecia bem a arte de pescar e falou de barcos, peixes, redes, pescaria, etc. em seus ensinamentos.

*– Além do trabalho manual, havia também o trabalho a serviço do Reino...*

No Evangelho de João, Jesus diz “Meu Pai trabalha e eu também trabalho” (Jo 5,17). Jesus podia estar falando do trabalho manual e ao mesmo tempo do trabalho de anúncio do Reino. Isso exigia um trabalho intenso, longas caminhadas, pregações, atendimento ao povo. Certa vez, Jesus e os discípulos estavam atravessando o Mar da Galileia e Jesus dormiu, mesmo com a turbulência das águas (Mc 4,38). Isso mostra o cansaço pelo trabalho. Outras vezes, pede aos discípulos para ir a lugares desertos para descansar (Mc 6,31; Mt 15,21).

*– E Jesus foi solidário com os trabalhadores do seu tempo?*

Jesus valoriza o trabalho na medida em que Ele trabalha e está junto aos trabalhadores e se coloca a seu lado. Entre os seus discípulos não foi escolher os mais sábios, mas entre os trabalhadores. Jesus valorizava o trabalho das pessoas, era solidário com as pessoas que eram exploradas em seus trabalhos, sobretudo pelos altos impostos. Além disso, várias vezes menciona as pessoas que sofriam com a falta de trabalho. Resumindo: Jesus foi um trabalhador manual, era reconhecido como um trabalhador, trabalhou para o Reino de Deus, valorizava o trabalho, denunciava as injustiças contra os trabalhadores e era solidário com eles.

## 27. O BOM PASTOR

**Edson:** *Na Bíblia aparecem as figuras do pastor e das ovelhas?*

**Frei:** A Bíblia nasceu num ambiente agropastoril. Nossos pais e mães da fé eram beduínos, em sua maioria criadores de ovelhas e cabras que migravam em busca de melhores pastagens para os seus rebanhos. E assim como eles cuidavam dos seus rebanhos, viam Deus como um Pastor que cuida de seu povo.

*– Como era a vida dos pastores, das ovelhas?*

A vida dos pastores está muito ligada a seus rebanhos. O pastor conhece as suas ovelhas uma por uma, cuida delas, sobretudo as estropiadas, as mais frágeis. Da mesma forma, as ovelhas conhecem o seu pastor e só a ele obedecem. A vida dos pastores era nômade; onde estava o pastor também estavam os rebanhos.

*– A Bíblia relata o agir de Deus como Pastor do seu povo?*

• Isaías 40,11: “Eis o vosso Deus... como o pastor, ele apascenta seu rebanho, com o braço reúne os cordeiros, carrega-os no regaço, conduz carinhosamente as ovelhas que amamentam”.

• Salmo 23: “O Senhor é o meu Pastor e nada me falta. Em verdes pastagens me faz repousar. Para as águas tranquilas me conduz e restaura as minhas forças...”

São textos que mostram um Deus carinhoso e atencioso para com o seu povo, conduzindo-o como o pastor faz com seu rebanho, reunindo, apascentando, cuidando...

*– Essa era também a função dos líderes do povo?*

Sim, pois esta era a sua função: cuidar bem do povo, conduzi-lo por caminhos bons e seguros. Há textos proféticos que denunciam os líderes (religiosos e políticos) que não cuidam bem do rebanho:

• Jeremias 23,1-6: “Ai dos pastores que perdem e dispersam as ovelhas do meu rebanho – oráculo do Senhor. Por isso, assim disse o

Senhor, contra os pastores que apascentam o meu povo: vós dispersastes as minhas ovelhas, as expulsastes e não cuidastes delas...”

• Ezequiel 34: É um capítulo inteiro de denúncia contra os falsos pastores “que apascentam a si mesmos”, que não cuidam das ovelhas feridas, não tratam das ovelhas doentes e desgarradas...

– *E no NT também temos imagens de pastores, rebanhos...*

No Evangelho de Lucas, os pastores são os primeiros a visitar o menino Jesus na gruta de Belém (Lc 2,8-12). Uma das mais belas parábolas é a do pastor que tinha cem ovelhas e perdeu uma; deixa as noventa e nove e vai em busca da ovelhinha até encontrá-la e conduzi-la no ombro com carinho e faz festa com os amigos e vizinhos por tê-la recuperado (Lc 15,4-7). É a imagem de como Deus cuida de nós.

Em Jo 10,1-18: Jesus identifica-se como o Bom Pastor que conhece as suas ovelhas e que estão na sua mão, e essas o conhecem. Ele cuida delas, defendendo-as dos falsos pastores, dos mercenários, pois Ele dá a vida por suas ovelhas.

– *João Batista indica Jesus como o Cordeiro de Deus!*

É uma imagem importante quando João prepara os caminhos para o Messias: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). Os cordeiros eram oferecidos como holocaustos no Templo para expiar os pecados do povo. Outro detalhe importante: às doze horas, era a hora em que os cordeiros eram conduzidos ao Templo para ser sacrificados às quinze horas. São as mesmas horas em que Jesus é conduzido ao Calvário e morre.

– *Por que os bispos são chamados de “Pastor”?*

O termo vem do verbo grego *episkeptomai* (é o verbo visitar); é desse verbo que deriva o termo *episkopos*. A primeira vez que o termo é usado pelo apóstolo Paulo à Igreja de Éfeso: “Nele o Espírito Santo vos constituiu episcopos, para apascentar a Igreja de Deus” (At 20,28). Então os bispos são pastores (*episkopos*) que devem visitar o rebanho, o povo de Deus, e cuidar dos fiéis. Por isso o Papa Francisco pede aos bispos que sintam o cheiro das ovelhas.



## 28. POR QUE JESUS CHAMOU MARIA DE “MULHER” (Jo 2,4)?

**Edson:** *Muitas mães acham estranho quando leem o Evangelho de João e veem Jesus dizendo a Maria: “Que há entre mim e ti, mulher? A minha hora ainda não chegou!” (Jo 2,4). Por que Jesus não chama Maria de “mãe”, mas de “mulher”?*

**Frei:** Primeiramente, é importante salientar que Maria aparece apenas em dois momentos no Evangelho de João: na abertura dos sinais de Jesus, ou seja, no relato das bodas de Caná, e na última cena, quando Jesus está na cruz e Maria é entregue ao discípulo amado (Jo 19,26). Um detalhe importante: nas duas vezes, Maria é chamada de “mulher”.

Além disso, há uma outra questão que poderá iluminar essa primeira dúvida: quem é chamada de “mulher” em João?

- a) Maria, por duas vezes (Jo 2,4; 19,26);
- b) A samaritana (Jo 4,21);
- c) A pecadora (Jo 8,10);
- d) E Maria Madalena (Jo 20,15).

E há o relato da pecadora perdoada (Jo 8,1-11), que está no Evangelho de João, mas os pesquisadores dizem que não é um escrito de João. Poderia até ter sido de Lucas. Portanto, excluímos Jo 8 e ficamos só com Maria; Samaritana; Maria Madalena – que são chamadas de “mulher”.

*– Você quer dizer que há algo em comum entre essas mulheres que são chamadas de “mulher” por Jesus?*

Exatamente! Precisariamos fazer ainda outra pergunta: Quem são essas mulheres diante de Jesus? Vamos começar pela última: Maria Madalena é um grande exemplo de discipulado, fazendo parte do grupo que acompanhou Jesus desde a Galileia (Lc 8,1-3; 23,49),

ou seja, do princípio ao fim; foi a primeira a receber o Cristo ressuscitado e a anunciar sua ressurreição (Jo 20,15-18) – não é por acaso que ela é lembrada na Igreja como “apóstola dos apóstolos”, pois ela recebeu a missão de reunir os apóstolos depois da ressurreição de Jesus (Jo 20,17-18).

E sobre a samaritana: todo o diálogo entre ela e Jesus ajuda-nos a perceber que essa mulher também é um símbolo e modelo dos discípulos(as) que eram iniciados na vida cristã. Basta ver o final, quando ela deixa seu balde e sai correndo anunciar que havia encontrado o Cristo.

*– Então parece que você está sugerindo que Maria também é chamada de “mulher” porque João enfatiza o seu papel enquanto discípula. É isso mesmo?*

Isso mesmo. Veja: Jesus não está sendo mal-educado ao chamar sua mãe como “mulher”. Na prática, João revela que o papel do discípulo e da discípula vai muito além dos laços sanguíneos. Talvez seja por isso que Jesus diz: “Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a Palavra de Deus e a praticam!” (Lc 8,21).

*– A mãe de Jesus pode também ser considerada um modelo de discípula?*

Os evangelistas preocupam-se com a formação dos futuros cristãos. Desse modo, faz muito sentido perceber que a “mãe” ensina muito ao longo do Evangelho. Ela não evoca o direito de ser chamada como a mãe do Salvador, mas sim como a discípula fiel, que permanece até o fim, ainda que a cruz atravessasse seu caminho.

Além disso, o papel da mãe no Evangelho de João torna-se uma importante luz para a Igreja, já que ela é chamada a ser discípula, seguidora do verdadeiro mestre, Jesus Cristo. E todos nós, homens e mulheres, somos Igreja, ou seja, todos seguimos Jesus Cristo.

## 29. COMO LER A BÍBLIA?

**Edson:** *Nossos ouvintes sempre dizem que ler a Bíblia é uma tarefa apaixonante e, ao mesmo tempo, intrigante, pois há textos difíceis. E uma pergunta que sempre ocorre quando alguém inicia a leitura da Bíblia é: Como devo ler a Bíblia? Há algum método? Por onde devo começar?*

**Frei:** De fato, há textos bem difíceis na Bíblia. Além disso, o sentido de um texto nem sempre é assimilado numa leitura rápida. Por isso é necessário seguir alguns passos na leitura da Bíblia.

Um importante método é a *lectio divina* (leitura orante), sistematizado pelo monge Guido, por volta de 1150. Esse método é composto por quatro passos: leitura, meditação, oração e contemplação. Mas eu prefiro apresentar alguns passos que aprendi com meus mestres e com minha própria experiência de leitura da Palavra:

1º passo: Pedir a iluminação do Espírito Santo, pois entramos num terreno em que a fé é importante. Não significa que vamos usar a fé como desculpa para textos que não entendemos, como diz aquela famosa frase: “você precisa ter fé!”. Vamos pedir a iluminação do Espírito, pois foi ele quem auxiliou os redatores sagrados;

2º passo: Ler o texto. Não se trata de uma leitura rápida, mas de uma leitura atenta, vagarosa... Imagine que um amigo seu procura para conversar sobre algum problema. Quando é que você vai entendê-lo bem? Certamente no momento em que você o escuta bem. Penso que essa dinâmica também pode ser aplicada na leitura da Sagrada Escritura.

– *Quer dizer que a “escuta” é que nasce de uma boa leitura do texto?*

Sim. É preciso “escutar”, pois a Escritura sempre evoca a audição. “Eu dormia, mas meu coração velava. Um ruído! É meu amado que bate... Ao ouvir sua voz, as entranhas estremeçam” (Ct 5,2-4). Nós vamos escutar Deus por meio da leitura atenta do texto.

Também é importante não negligenciar as palavras. Uma boa tradução sempre nos ajuda na leitura do texto sagrado. Mas veja como é importante prestar atenção a todas as palavras que aparecem no texto: leia Mc 3,13-15 e responda: Para que que Jesus chamou os discípulos? A maioria de nós diria “para expulsar os demônios”. Mas a primeira razão é a mais importante: “para que ficassem com ele”.

3º passo: Silenciar. Este seria o momento de retomar frases ou palavras importantes, aquelas que mais chamam a atenção, e deixar o texto falar. Mas precisa haver um cuidado, pois não é o momento de ficar raciocinando muito, mas de silenciar e deixar Deus falar. Na Bíblia, há vários diálogos. E em todos esses diálogos observamos como é importante o silêncio.

4º passo: Sentir-se questionado pelo texto. Sempre é bom encerrar fazendo a pergunta: “O que o texto pede de mim? O que devo fazer”. É o momento de olhar para o texto com sinceridade e deixar ser questionado pelo texto.

*– Portanto, Frei, os passos importantes seriam pedir iluminação do Espírito, ler com atenção o texto, silenciar um pouco depois de ler a Palavra e, por fim, deixar a Palavra nos questionar. Você pensa que, assim, a leitura da Bíblia pode ser mais profunda? E a leitura “sorte do dia”?*

Sim, não tenho dúvidas de que será muito mais aproveitada! Mas o estilo “sorte do dia” (abrir a Bíblia e apontar um versículo aleatório) é muito perigosa. A Bíblia não é um livro de sorte, mas um livro de vida. Deus não brinca jogando dados conosco. Ele comunica uma Palavra que fundamenta nosso agir.

Conheço pessoas que tentaram “tirar a sorte” na Bíblia e acabaram com textos do tipo “Judas foi e se enforcou”, “vai e faz o mesmo...” Por isso sempre orientamos a abandonar esse estilo de leitura, pois pode ser mais prejudicial do que benéfico.

## 30. QUAL É O ENSINAMENTO DO DECÁLOGO?

**Edson:** *A Bíblia contém leis. Talvez as mais conhecidas são aquelas do Decálogo (os Dez Mandamentos). Qual seria o grande ensinamento do Decálogo?*

**Frei:** Primeiramente, é importante destacar que há dois relatos do Decálogo: um em Ex 20,3-17 e outro em Dt 5,7-21. Essas leis foram ditas pelo próprio Deus lá na montanha, no Sinai. Elas apresentam princípios gerais e absolutos acima dos casos particulares.

O Decálogo tem esse *aspecto da lei revelada*, pois vem da boca de Deus. Isso o faz muito diferente dos códigos legislativos de outras culturas e religiões do contexto de Israel, pois, no Antigo Oriente, os deuses **não são autores-fontes** do direito. Mas, no caso das leis dirigidas ao povo de Israel, sim, Deus é o autor-fonte, ou seja, é ele quem proclama as leis que ele mesmo criou.

Podemos tomar o exemplo do Decálogo do livro do Deuteronômio, que é um pouco mais completo. Há uma estrutura bastante interessante, com a centralidade no sábado, ou seja, no momento celebrativo.

Dt 5,6-11: Mandamentos referentes a YHWH (ao Senhor)

Dt 5,12-15: O sábado

Dt 5,16-21: Mandamentos sociais – referentes ao “outro”

– *Mas essa organização tem o propósito de comunicar algo importante?*

Sim. Veja, vamos destacar alguns pontos:

a) O código do Deuteronômio é mais organizado, e o mandamento do sábado é relacionado ao Senhor e ao aspecto social (expresso no “tu”);

b) O Decálogo começa com “eu” (do Senhor) e finaliza com “teu próximo”;

c) No primeiro momento, há a ênfase no Senhor (Dt 5,6-11), enquanto na segunda (Dt 5,17-21) a ênfase recai sobre “o teu próximo”.

Podemos dizer, então, que o Decálogo se movimenta em torno de dois polos e regula as relações do israelita com seu Deus e com o seu próximo, revelando, portanto, que o “eu” do Senhor não deve ser separado do “dele” do próximo.

– *Podemos dizer, então, que os Dez Mandamentos nos inserem na relação direta com Deus e com o outro e nos encontramos todos na celebração?*

Muito bem resumido, Edson. É bem isso. Não tem como eu dizer que observo os mandamentos se algum elemento desses está faltando. Ou seja, o equilíbrio aparece quando meu compromisso com Deus é perfeito e o outro é valorizado e defendido por mim. O sábado (aspecto celebrativo) seria como que uma ponte: na celebração nos encontramos, alimentamos e saímos fortes para a missão.

– *Os Dez Mandamentos são como um resumo da Lei?*

Sim. E é importante notar que, antes de Deus dizer o que o povo deve fazer, Ele mesmo diz o que já fez: “Eu sou o Senhor teu Deus que te fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão” (Ex 20,2; Dt 5,6). Outra questão importante: para os judeus, a Lei não é um conjunto de normas e deveres (como um código civil ou direito canônico). É a *Torah*, um caminho a seguir; ela indica uma direção, uma proposta de vida! Se o povo seguir a Lei como projeto de vida, é certo que viverá e se multiplicará. Vale a pena ler o texto de Dt 30,15-29. É o próprio Deus que orienta: “Escolhe, pois, a vida” (Dt 30,19). O perigo é cair num legalismo, que foi o que Jesus condenou. A Lei veio para ajudar a vida e não para prejudicar a vida do povo.

## 31. SÃO PAULO: CONFLITOS E FRUSTRAÇÕES

**Edson:** *Costumamos falar do empenho de São Paulo na missão. Mas ele também teve frustrações? Como ele lidou com elas?*

**Frei:** Paulo foi o homem do Evangelho e dos conflitos. Mas há um detalhe fundamental: seus conflitos foram sempre por causa do Evangelho. Por exemplo: ele foi acusado de não ser apóstolo (1Cor 9,2). O mesmo problema aparece na Carta aos Gálatas, e é por isso que ele insiste em dizer várias vezes que não é apóstolo “da parte dos homens” (Gl 1,1) e sim da parte de Cristo (Gl 1,12).

*– Mas ele enfrentou esses problemas dentro das comunidades? Por parte dos próprios fiéis cristãos?*

Sim, dentro do ambiente das comunidades. E ele fez questão de ressaltar que era preciso tomar cuidado com os “falsos irmãos” (2Cor 11,26; Gl 2,4). Inclusive com Pedro ele teve conflito, que é bem explicado em Gl 2,11-14: Pedro estava visitando Antioquia da Síria, lugar em que Paulo pregava aos gentios. Pedro foi até lá e se misturou bem com eles. Mas, quando chegaram aqueles cristãos que queriam que as leis de Moisés fossem observadas, Pedro começou a se esquivar. Então Paulo chamou sua atenção. Mas a verdade que estava em jogo era a “verdade do Evangelho” (Gl 2,14).

*– Quais foram os outros conflitos de Paulo?*

Seguramente, a família de Paulo era rica. Devia ter uma “empresa para a confecção de tendas”, uma vez que devia dar um bom lucro, haja vista a presença dos soldados romanos (o Império Romano dominava toda essa região) que necessitavam das tendas. E Paulo opta por deixar tudo isso para trabalhar com as próprias mãos, o que era desprezível no mundo grego, uma vez que o trabalho manual era destinado aos escravos.

Logo, quando Paulo fala que “o que era lucro tive-o como perda, por amor de Cristo” (Fl 3,7), está falando de algo que sentiu na

pele. Não era como deixar alguma coisa supérflua, e sim algo que o caracterizava naquele mundo (judeu e cidadão romano) e que lhe era fonte de subsistência (fabricante de tendas, família...).

Pergunta-se por que Paulo fez essa renúncia e decidiu anunciar o Evangelho em meio a tantos conflitos. Em 1Cor 9,19-22, responde: Ele faz a opção de se rebaixar totalmente para ganhar todos para Cristo.

*– E aquele fato ocorrido no Areópago, em Atenas, como Paulo digeriu aquela situação?*

Bem lembrado, Edson. Lá em Atenas, Paulo preparou bem seu discurso e falou de Jesus, sem mencionar seu nome. Não se referiu à cruz (At 17,30-31). E quando falou da ressurreição de Cristo, os ouvintes zombaram dele e disseram: “Volte outro dia e talvez te ouviremos!” (At 17,32).

Esse foi mais um momento de crise e conflito para Paulo: frassou em seu discurso. Talvez ele quisesse derrubar o sistema da religião pagã que havia em Atenas. Entretanto não conseguiu. E sua chegada a Corinto revela como vivenciou esse grande conflito (1Cor 2,3; 1Ts 3,7).

Mas há um importante detalhe: depois do episódio de Atenas, Paulo começou a falar da Cruz de Cristo. Antes parecia um grande orador que desejava mudar a opinião de todos através de sua palavra. Agora Paulo afirma: “Quando fui ao vosso encontro, não me apresentei com o prestígio da oratória ou da sabedoria...” (1Cor 2,1-5).

*– Parece um bom ensinamento para nós, pois também passamos por tantos conflitos e frustrações na vida, não é?*

Com certeza, é um ótimo ensinamento. Nesse contexto de conflitos que Paulo viveu, é possível compreender que ele teve a capacidade de transformar conflitos em fonte de fé, esperança e amor. Há quem fale em uma espiritualidade do conflito, uma vez que Paulo tirou proveito de todas essas crises, assim como os discípulos de Emaús: a cruz que era sinal de morte, desânimo, desesperança... transformou-se em sinal de vida e esperança (Lc 24,13-35).



## 32. SALMOS IMPRECATÓRIOS: ORAÇÃO OU MALDIÇÃO?

**Edson:** *Frei, muitas pessoas ficam perplexas quando leem Salmos com súplicas do tipo “Ó Deus, quebra-lhes os dentes” (Sl 58,6); “A morte os assalte, e vivos desçam à cova!” (Sl 55,15); “Fiquem órfãos os filhos dele e viúva a esposa” (Sl 109,9). Isso é uma oração ou uma maldição? É possível um cristão rezar um Salmo como esse?*

**Frei:** Então, esses Salmos causam espanto e não devem ser rezados como meio de desejar o castigo para outra pessoa. Primeiramente, precisamos compreender em que consiste esse tipo de Salmos. Pela imprecação, a pessoa deseja um mal, mas não age com as próprias mãos, ou seja, ela passa por um sofrimento terrível e é capaz de suplicar a Deus que a defenda.

É importante destacar que esses Salmos não são rezados por um criminoso, repleto do desejo de morte. A imprecação é um grande desafogo existencial que a pessoa faz. E quem é que já não fez algum tipo de imprecação quando o tema era esporte, política...!

– *Você quer dizer que há um aspecto positivo nisso? Parece que o salmista se sente desprotegido diante do perigo, mas muito próximo a Deus, correto?*

Exatamente! O Salmo imprecatório mostra a relação muito próxima da pessoa com Deus. O salmista é capaz de pedir ajuda a Deus e revela que não há “vingança” com as próprias mãos. É Deus quem fará ou não. Ele quer expressar o que sente geralmente diante de uma injustiça sofrida ou diante de um massacre sobre o próprio povo. No fundo, o salmista quer fazer o seu grito, seu clamor por justiça da parte de seus inimigos.

Entretanto, é importante ressaltar que o salmista tem um sofrimento real e intenso. Não está em jogo um gosto, uma cor, um parti-

do... mas a própria vida. É como se o salmista apresentasse seu drama diante de Deus e pedisse ajuda diante do sofrimento terrível.

*– E há muitos Salmos imprecatórios na Bíblia? E na liturgia, como são tratados?*

No livro dos Salmos, há apenas alguns poucos versículos que são considerados imprecatórios. E, na liturgia, eles foram tirados para evitar uma compreensão errada do povo, pois esses Salmos são lindos, mas precisam ser bem entendidos; do contrário, podem causar mais estragos.

Talvez o versículo imprecatório mais famoso seja o Salmo 58,6: “Ó Deus, quebra-lhes os dentes da boca deles”. Se o versículo for lido isoladamente, sozinho, parece cruel, mas, lido no conjunto do Salmo, ele fica muito claro, pois há ali alguém que está sofrendo muito com gente que parece ser desde sempre má: “Os perversos se extraviaram desde o útero” (Sl 58,4).

*– Portanto, esses Salmos não devem ser usados para desejar o mal sobre uma pessoa, correto?*

Exato! Podemos dizer que esses Salmos podem e devem ser rezados, desde que observemos como o salmista se aproxima de Deus e tentemos imitá-lo. Pois quando ele reza: “Seus dias sejam poucos! Outro pegue seu cargo! Fiquem órfãos os seus filhos, e viúva sua mulher!” (Sl 109,8-10), o salmista não se apresenta como um sanguinário sedento de morte. Basta ver a primeira parte do Salmo (Sl 109,1-7), e perceberemos como é grande o seu sofrimento. A imprecção parece ser uma denúncia que aparece nesse grito de desespero!

Esses Salmos, assim como o Salmo 83, certamente eram súplica que a comunidade dos hebreus rezava nos tempos de desgraça, isto é, o povo que louvava também era capaz de expressar suas dores diante de Deus. E isso é fantástico, pois eles nos ensinam como ser próximos a Deus.

### 33. POR QUE JESUS CHAMOU O APÓSTOLO PEDRO DE “SATANÁS”?

**Edson:** *Nos Evangelhos Sinóticos, Pedro é chamado de Satanás por Jesus. Como é possível compreender esse fato de Pedro, o grande apóstolo, ter sido chamado assim por Jesus?*

**Frei:** Esta é uma pergunta bastante oportuna, que nos ajuda a pensar sobre o nosso lugar em relação a Cristo. Mas, antes de tudo, precisamos retomar brevemente o texto de Mc 8 e todo o seu contexto. Veja, em Mc 8,1-10, há o relato da multiplicação dos pães. Já em 8,11-13, surgem os fariseus que começam a discutir com Jesus. Em seguida, Jesus entra no barco com os discípulos. E em Mc 8,14, repentinamente, se informa que eles haviam esquecido de levar pães e havia apenas um pão no barco.

Nesse momento, Jesus recomenda que eles tenham cuidado com o fermento de Herodes e dos fariseus. E, de repente, os discípulos começam a fazer uma reflexão estranha: por que ele está falando de pão? Nós não temos pães no barco! E é nesse momento que Jesus dirige algumas perguntas retóricas: “Por que pensais que é por não terdes pães? Ainda não entendeis e nem compreendeis? Tendes o coração endurecido? Tendes olhos e não vedes, ouvidos e não ouvis?” (Mc 8,17-18).

Na prática, essas perguntas revelam que os discípulos estavam surdos e cegos em relação àquilo que Jesus fazia e dizia. Por isso é relatado o milagre da cura de um cego (Mc 8,22-26), que não tem nome, pois ele simboliza os discípulos que precisam enxergar Jesus com nitidez.

Pois bem, o discípulo, curado de sua cegueira, é capaz de falar algo grande sobre Jesus. Por isso Pedro surge em Mc 8,29 fazendo

uma profissão de fé: “Tu és o Cristo”, que é um título de Jesus, não um sobrenome.

Em seguida, Jesus anuncia o que vai lhe ocorrer (Mc 8,31-33). É o primeiro dos três anúncios da paixão. Mas o texto diz que Pedro começou a recriminá-lo, como se dissesse que nada daquilo aconteceria. É nesse momento que Jesus o chama de Satanás, pois Pedro estava desviando Jesus de sua missão. Na prática, o Satã, na Bíblia, é aquele que tenta desviar a pessoa de algum propósito. Assim, Jesus mostra a Pedro que ele não foi chamado para ser um Satanás, mas um discípulo.

– *E Jesus diz a Pedro para sair da frente, afastar-se ou ir para trás? Sempre ocorre uma dúvida em nossas traduções, não é?*

Sim. A melhor tradução seria “vem para trás de mim” (Mc 8,33). Seria um modo de dizer a Pedro: veja, eu te chamei para ser discípulo, e o discípulo não passa na frente nem atravessa o caminho do mestre. Então ocupa o teu lugar. É interessante notar que a expressão usada por Jesus, em grego, é *opiso mou*. Foi a mesma expressão que Jesus usou quando chamou os primeiros discípulos: vinde “atrás de mim” (Mc 1,17). Ou seja: o lugar do discípulo é atrás de Jesus, estar em seu seguimento!

– *Parece uma ideia muito bonita, não é, Frei? E, então, o fato de Jesus ter chamado Pedro de Satanás não tem nada a ver com aqueles que ocupam o lugar de Pedro, ou seja, os papas, certo?*

Exato. O fato de Jesus ter chamado Pedro de Satanás não é uma depreciação terrível. Na prática, todos nós podemos ser um “satanás” na vida de outra pessoa quando tentamos desviá-la de bons propósitos. Tomara que nunca façamos isso e sempre nos coloquemos atrás de Jesus como discípulos e discípulas. Qualquer um de nós também pode ser “satanás” quando quer usar o nome de Deus e de Jesus Cristo para projetos que são contra a vida, contra o Evangelho.

## 34. O QUE SIGNIFICA HONRAR PAI E MÃE?

**Edson:** *O quarto mandamento diz “honrar pai e mãe”. Geralmente fala-se respeitar, não responder e amar os pais. Qual seria o real sentido desse mandamento?*

**Frei:** A língua hebraica sempre revela as suas surpresas. O Decálogo (Dez Mandamentos) tem uma estrutura bastante interessante: na primeira parte, todos os mandamentos são relacionados a Deus. Em seguida, o centro: o sábado. Após isso, os mandamentos que se referem ao outro. O primeiro mandamento que abre esta seção dedicada ao “outro” diz “honrar pai e mãe”.

Essa lógica é muito válida, pois os pais são os primeiros seres “diferentes” com os quais temos contato. Portanto, se a pessoa estabelece um relacionamento digno em relação aos pais, certamente o fará em relação às outras pessoas.

– *É dessa ideia que a Bíblia pede para “honrar”?*

Certo. É essa ideia que está na raiz do mandamento. Aí surge a importância de “honrar” os pais. No hebraico, o verbo empregado é *kaved*, que não significa literalmente respeitar, mas dar peso ou destaque a alguém. Podemos resumir: o mandamento diz “torna teu pai e tua mãe pesados”.

– *Tornar pesado, que não tem o sentido de “gordo” ou “sofrido”, não é? E o contrário desse mandamento a Bíblia também apresenta?*

Exato, Edson. O verbo *kaved* dá origem a outra palavra importante na bíblia: *kavod*, que significa “glória”. Quando a Bíblia fala da “glória de Deus”, por exemplo, não fala das coisas luminosas, do brilho..., mas do peso de Deus na história, ou seja, a sua marca. Por isso podemos dizer que, no caso do mandamento, *kaved* não significa que os pais precisam ficar gordos, mas que o filho precisa fazer com que os pais deixem sua marca na história.

O contrário desse mandamento aparece no Ex 21,17, que nossas traduções apresentam assim: “aquele que amaldiçoar seus pais deverá morrer”. Mas, literalmente, deveria ser traduzido como “aquele que tornar leve seus pais deverá morrer”. O verbo hebraico que ocorre aqui é *qalal*, que significa “tornar leve”, “insignificante”, “desprezível”.

– *Portanto, no hebraico, “tornar leve” ou “desprezível” os pais equivale a uma maldição? E esse mandamento era para ser dirigido também para as crianças?*

Sim, “tornar leve” equivale a uma maldição, o contrário do quarto mandamento. E esse mandamento, como os demais, é direcionado ao filho adulto. Por isso o filho deve dar dignidade aos pais. Os pais devem ter orgulho de ver o filho honrar seus pais. Essa missão dos filhos vai até o final de sua vida. Tanto que, para o judaísmo, a missão mais importante do filho no âmbito da família é dar uma sepultura digna a seus pais, isto é, ampará-los na sua velhice e estar presente até o último momento de sua vida. O filho que fizer isso cumprirá fielmente o quarto mandamento.

– *Como esse mandamento é interpretado no Novo Testamento?*

Nós cristãos direcionamos o mandamento às crianças por causa daquilo que temos no Novo Testamento, principalmente com as cartas de Paulo, que falam do respeito aos pais (Ef 6,1-3; Cl 3,20). Mas, na prática, quem teria a condição de cumprir esse mandamento senão os filhos adultos, que são capazes de tomar suas decisões com liberdade e clareza?

Considero ainda outra situação: o próprio Jesus Cristo “deu peso” ao Pai. É isso que significa glorificar o Pai. Sendo fiel, dando a vida por amor, ou seja, levando até o fim a missão confiada pelo Pai, Jesus o glorifica, honra o Pai. Por isso, na cruz, nem o Pai tampouco o Filho são derrotados.

## 35. GUARDAR O SÁBADO OU O DOMINGO?

**Edson:** *Entre os Dez Mandamentos, um diz que o sábado deve ser o dia santo, reservado ao Senhor, ou seja, devemos guardar o sábado. Quando é que começou essa observância do sábado como dia sagrado?*

**Frei:** Sim, os mandamentos dizem que o ser humano deve observar o sábado como dia santo. E toda a tradição do Antigo Testamento observava leis referentes a esse dia, no qual não era permitido trabalhar nem fazer outras atividades.

O povo babilônico também observava o 7º, 14º, 21º e 28º dias, que eram chamados de “dias nefastos”. Nesses dias, o povo e o rei não podiam trabalhar e deviam permanecer com a mesma roupa, não comer carne cozida nem pão assado, e o sacerdote não podia entregar oráculos nem o médico tocar o doente. E é possível que esses “dias nefastos” babilônicos tenham deixado algumas marcas proibitivas no sábado israelita.

O fato é que, de acordo com os estudiosos, após o Exílio da Babilônia (538 a.C.), o sábado passou a ser evidenciado, e sua importância aumentou (Is 58,13; Jr 17,21-22; Ne 13,15-16.19-22); e no retorno do exílio, a sociedade judaica, assim como a religião e os preceitos da lei foram estruturados.

*– Mas se está assim no Decálogo, por que a maioria dos cristãos guarda o domingo?*

Uma primeira observação diz respeito ao dia da ressurreição de Jesus, que aconteceu “no primeiro dia da semana”. As mulheres foram visitar o túmulo no primeiro dia, ou seja, no domingo bem cedo. Além disso, vários textos do Novo Testamento dizem que os cristãos se reuniam no primeiro dia da semana (At 20,7; Mt 28,1; 1Cor 16,1).

E foi assim mesmo. Eles até frequentavam a sinagoga, o que não aconteceu mais após os acontecimentos do ano 85 d.C. Eles celebra-

vam o “memorial do Senhor” (At 2,42-46) no chamado “dia do sol”. O sol era venerado como um grande astro, uma divindade. Assim, esse dia tomou outro sentido para os cristãos, que não viam outro “astro” maior do que Cristo.

Algumas línguas ainda mantêm esse caráter “pagão” para o domingo, entendendo-o literalmente como “dia do sol”: *Sunday* (inglês); *Sonntag* (alemão). Em nossa língua, chamamos esse dia de domingo, que significa *dia dominus*, ou seja, dia do Senhor.

– *Então há uma relação direta entre o domingo e a ressurreição de Jesus Cristo, correto?*

Isso mesmo! O domingo passou a ser observado por causa da ressurreição de Jesus, através da qual se revela a Nova Criação. São Justino, Mártir, dizia: “Reunimo-nos todos no ‘Dia do Sol’, porque é o primeiro dia após o Sábado dos judeus, mas também o primeiro dia em que Deus, extraindo a matéria das trevas, criou o mundo e, neste mesmo dia, Jesus Cristo, nosso Salvador, ressuscitou dentre os mortos”. E São Jerônimo: “O Dia do Senhor, o Dia da Ressurreição, o Dia dos Cristãos, é o nosso dia”.

É normal que haja alguma discussão por parte daqueles que insistem na observância do sábado como dia de preceito. Esses dizem que nós “eliminamos” uma lei do Decálogo. Porém, toda a Escritura deve ser lida a partir de Cristo. Assim, já os primeiros cristãos não tiveram problema em observar o domingo, pois o fundamento está em Cristo.

Um último conselho: é sempre bom aprofundar-se no tema ao invés de travar discussões sobre essa questão. Ver como isso foi sendo vivido ao longo da história das comunidades cristãs.

Outra questão: A discussão se devemos guardar o sábado ou domingo não é a mais importante. Sábado ou domingo devem ser dias de descanso e de louvar o Senhor. O descanso é um dom de Deus.



## 36. A SAMARITANA ERA UMA PROSTITUTA?

**Edson:** *No Evangelho de João (Jo 4,1-42), encontra-se a presença de uma mulher, a samaritana, que nós geralmente chamamos de prostituta. Mas ela foi mesmo uma prostituta ou é uma interpretação imprecisa?*

**Frei:** Antes de tudo, precisamos voltar ao texto bíblico, pois em Jo 4,16 Jesus fala a ela para chamar os seus maridos (Jo 4,16). E quando ela diz que não tem marido (Jo 4,17), Jesus lhe diz: “Falaste bem ‘não tenho marido’, pois tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido” (Jo 4,17-18). Por causa dessa fala, ela atravessou a história sendo chamada de prostituta.

– *Então quem eram esses maridos?*

Para entender bem essas palavras de Jesus, tornam-se importantes estas observações:

a) Em hebraico, a palavra *ba'al* significa marido, senhor, divindade. Como Jesus falava em hebraico, poderia ter dito a ela: “chama teus *ba'ais*”;

b) Precisamos voltar ao Antigo Testamento no Segundo Livro dos Reis (2Rs 17,29-33), que relata a invasão da Assíria no Reino do Norte (Israel) e a tomada da capital Samaria. Os assírios trouxeram para o território da Samaria cinco povos (Babilônia, Cuta, Ava, Emat e Sefarvaim), que se estabeleceram nos lugares altos, ou seja, lugares de culto dos samaritanos, com os próprios deuses (2Rs 17,29-31), destruindo sua identidade religiosa.

– *Quer dizer que esses maridos podem simbolizar as divindades desses cinco povos?*

**Frei:** Exatamente. Os cinco “maridos” seriam a imagem desses cinco deuses, assim como a samaritana seria a personificação de toda a Samaria, capital do antigo Reino de Israel (Norte). E há um detalhe muito importante: Jesus encontra-a junto ao poço. João emprega o

gênero literário do encontro para falar da acolhida do Evangelho pelos samaritanos, como se ela (todos os samaritanos) tivesse se casado com Jesus.

O sexto marido seria esse tipo de culto todo diferente, que foi criado entre os samaritanos, enquanto o sétimo seria o próprio Cristo – sete é um número perfeito na Bíblia. Essa adoração a Jesus Cristo se daria “em espírito e verdade” (Jo 4,23), ou seja, seria firme, estável, seguro...

Além disso, observa-se que o diálogo entre a samaritana e Jesus aponta para a iniciação à vida cristã, pois há um crescimento na compreensão de quem é Jesus: no primeiro momento, é “um judeu” (Jo 4,9); depois, “um profeta” (4,19); após, “o Cristo” (4,29) e, por fim, “o salvador do mundo” (4,42).

*– De modo geral, então, não há fundamento para chamar a samaritana de prostituta, correto?*

Exatamente! Não há fundamento. Como dissemos, muitos costumam chamá-la assim por conta de uma interpretação muito rasa do texto bíblico, por falta de um estudo melhor do texto bíblico e por basear-se numa interpretação já ultrapassada.

Portanto não chamemos mais a samaritana como prostituta, mas como discípula do Senhor e símbolo dos discípulos que são iniciados na vida cristã.

O Documento nº 107 da CNBB sobre a Iniciação à Vida Cristã escolheu justamente a figura da samaritana como um paradigma, isto é, um modelo de quem quer iniciar o seguimento de Jesus. É fundamental o primeiro encontro com Jesus, ir conhecendo-o, deixar que Ele conheça a nossa história, e então dar passos significativos para descobrir verdadeiramente quem é Jesus.

## 37. “NÃO FICA BEM TIRAR O PÃO DOS FILHOS E ATIRÁ-LO AOS CACHORRINHOS!”

**Edson:** *Em Mt 15,21-28, uma mulher cananeia aproxima-se de Jesus e pede a cura para sua filha que estava endemoninhada. Mas ele responde a ela de uma maneira muito atípica, dizendo: “Não fica bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos!” (Mt 15,26). Jesus estava se recusando a atender a mulher? E o qual é o sentido dessa resposta?*

**Frei:** Esse texto também ocorre em Mc 7,24-30, mas com algumas diferenças. Em Marcos, o texto é mais curto, enquanto em Mateus é maior e mais dramático.

Também vale recordar que os Evangelhos foram escritos algum tempo depois da ressurreição de Jesus, de tal modo que as comunidades recordam algumas falas de Jesus para resolver questões específicas e importantes de sua realidade. Uma importante questão dessa comunidade de Mateus era: os pagãos devem ser aceitos em nossa comunidade?

– *Então alguns achavam que Jesus tinha vindo somente para os judeus?*

Sim. Essa história, portanto, é comovente e ajudou os primeiros cristãos a abrir-se à realidade diferente, ou seja, aceitar que os pagãos também poderiam fazer parte da comunidade. Foi um grande problema, pois os judeus se consideravam os eleitos de Deus. E, no princípio, muitos cristãos também acreditaram que somente judeus poderiam fazer parte dessa comunidade, ou seja, tornar-se cristãos.

– *Essa mulher representa os povos pagãos?*

A mulher em Mateus é cananeia (Mt 15,22). Durante toda a história, os cananeus haviam brigado muito com os hebreus. Além de serem odiados, eram considerados como “cães” pelos hebreus. É por isso que, após ela ter implorado a compaixão, Jesus lhe diz: “Não fica

bem tirar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos”, pois ele tinha uma missão clara: dirigir-se aos eleitos de Israel.

A mulher é corajosa: está sozinha, não se sabe se tinha marido, é pagã e, mesmo assim, se dirige a um homem e judeu. Ela não parece se importar que seu povo seja tachado de “cães” pelos judeus. O foco dela era curar a filha. Por isso ela revela sua fé em Jesus e, teoricamente, ajuda Jesus a abrir seus horizontes – ou deveríamos dizer: “a comunidade” abrir os horizontes!

– *Poderíamos dizer então que ela foi uma teóloga que ajudou Jesus a repensar a sua missão? E quais ensinamentos o texto revelaria?*

Sim, ela o auxiliou. Quando refletimos sobre a humanidade de Jesus, somos capazes de aceitar sem problema alguns textos como esse. Mas essa mulher também se transforma em um modelo dos pagãos que aderem a Cristo e são aceitos entre os cristãos.

E quanto aos ensinamentos, poderíamos dizer:

a) Jesus transforma uma situação que seria uma falta de respeito (da mulher pagã em relação ao judeu) em uma possibilidade de transformação;

b) O texto ajuda a pensar que a fé não se baseia em privilégios de raça, cultura, méritos pessoais, mas numa relação viva com Jesus;

c) A mulher insiste e revela que precisamos insistir, principalmente quando buscamos o bem, o belo, a vida;

d) A vontade de Deus manifesta-se na vida; não interessa na vida de quem;

e) O sofrimento não tem fronteiras, mas a graça de Deus também não; por isso ela não pode ser barrada por algo ou alguém.

Destaco ainda outro detalhe: em Marcos, essa mulher é a única no Evangelho a se dirigir a Jesus chamando-o de *kyrie* (Senhor), ou seja, é empregado um vocativo (“ó Senhor”) através do qual alguém faz um pedido importante.

## 38. “EM VERDADE, EM VERDADE” E SUA RELAÇÃO COM “AMÉM”

**Edson:** *Os Evangelhos apresentam muitas falas de Jesus, as quais ele inicia com a expressão “em verdade, em verdade”. Por que os Evangelhos empregam tanto essa expressão? Significa que Jesus quer anunciar um conhecimento verdadeiro, ao contrário da mentira?*

**Frei:** Sim, os Evangelhos apresentam muitas vezes esta expressão “em verdade”. Principalmente o evangelista João a emprega de forma dupla – “em verdade, em verdade”. Quando escutamos essa palavra, logo pensamos que se trata de algo contrário à mentira. Mas, nas línguas grega e hebraica, o significado é muito maior.

– *E qual é o significado desses termos nas línguas originais em que foi escrita a Bíblia?*

No hebraico, temos o verbo *aman*, que significa “crer”. Da raiz de *aman* temos a palavra *emunah* (fidelidade), *emet* (verdade) e *amen* (amém). Mas o importante não é tanto o significado dessas palavras, mas saber o seu sentido básico: elas carregam a ideia de estabilidade, constância, perenidade...

O detalhe é que nossas Bíblias traduzem o grego/hebraico *amen* como verdade. Na realidade, portanto, Jesus não estaria dizendo “em verdade, em verdade”, mas “em amém, em amém”.

– *Então significa que “verdade” tem a mesma ideia básica que a palavra “amém”? Mas por que não dizer “em amém, em amém”?*

Exatamente, “verdade” (*emet*) e amém (*amen*) têm a mesma ideia básica. Essa questão da tradução é apenas uma opção do tradutor. Tanto “amém” quanto “verdade” significam algo que é constante, estável e perene.

A propósito, penso que é um grande desafio dizer a palavra “amém”, pois ela significa: eu aceito isso que é dito e lutarei para

fazer com que seja perene, constante. É a mesma ideia da fidelidade, de assumir um compromisso com aquelas palavras que foram professadas.

– *Na celebração da missa, dizemos muitos “améns”. Sempre nos ensinam que “amém” significa “assim seja”. Mas, então, quer dizer muito mais do que isso, não é?*

Cada “amém” que respondemos na celebração da missa não indica uma simples resposta, mas corresponde ao nosso desejo de lutar para que aquilo que assumimos seja constante e seguro. Interessante notar, inclusive, que todos os améns da missa são respondidos em pé, que significa prontidão, estar decidido a assumir aquilo que se diz.

– *A partir do que o senhor disse, verdade e amém (no hebraico) também estão relacionados a crer?*

É isso mesmo! Todas as palavras (substantivos e verbos) citadas têm uma raiz comum, aquela do verbo *aman* (crer). E é importantíssima essa questão, pois nos ajuda a perceber que crer não é apenas um ato mental.

Crer significa abandonar-se àquele que é o depositário da nossa certeza. Nesse sentido, é muito semelhante ao amém e igualmente à fidelidade. Ninguém é fiel a uma ideia vazia, mas sim a uma proposta de vida ou a uma pessoa. Por isso nós seguimos Jesus e seu projeto, que é o Reino de Deus.

– *Precisamos atualizar o “amém” hoje...*

Sim, é necessário atualizar para a nossa realidade, as nossas liturgias, a nossa vida. Quando dizemos “amém”, estamos assumindo um compromisso de fé, uma proposta de vida. Que o nosso “amém” seja dado sempre com muita convicção!

## 39. O BODE EXPIATÓRIO

**Edson:** *Quando alguém paga pelo erro de outros, sem que seja responsável pela situação, costumamos dizer que a pessoa foi um “bode expiatório”. É verdade que esta expressão “bode expiatório” está na Bíblia? Qual é a origem dela?*

**Frei:** Sim, essa expressão tem origem em um ritual hebreu chamado *Yom Kippur* (Dia da Expição), que se encontra no livro do Levítico (Lv 16). Para compreendermos a expressão “bode expiatório”, precisamos antes compreender essa celebração judaica do *Yom Kippur*.

Essa celebração acontece logo após o início do ano novo judaico (que cai em nossos meses de setembro ou outubro – dependendo do ano, pois os judeus seguem o calendário lunar, diferente do nosso, que é solar). Depois desse dia festivo, o judeu deve observar dez dias, no quais intensifica sua oração e a proximidade com Deus na busca de ser uma pessoa melhor. No décimo dia, é celebrado o *Yom Kippur* – o Dia da Expição dos pecados.

*– Mas e o bode expiatório?*

É justamente aí que entra a história do “bode expiatório”, pois o livro do Levítico diz que o sumo sacerdote deveria fazer alguns rituais para a celebração desse grande perdão. Um deles consistia em receber dois bodes doados pela comunidade. O sumo sacerdote deveria lançar a sorte sobre os bodes: um seria oferecido em holocausto a Deus, ou seja, seria sacrificado (esse é o bode expiatório).

Quanto ao outro, o sacerdote deveria pôr as mãos sobre a sua cabeça e confessar os pecados cometidos pelo povo durante o ano (Lv 16,21). Em seguida, esse bode era conduzido ao deserto e lançado num precipício, pois se acreditava que com a morte desse bode (é o bode emissário) desapareceriam os pecados do povo.

*– Mas o animal era deixado para perambular pelo deserto até a morte?*

Exatamente. Mas vemos no Levítico que esse bode deveria ser deixado para Azazel (Lv 16,8). Ninguém sabe ao certo o que ou quem

era esse Azazel. Tudo indica que era um demônio que a crença popular dos judeus julgava morar no deserto. O importante para o povo é que os pecados seriam extirpados de seu meio por intermédio desse bode expiatório, ou seja, o animal que expiava (não espiava, do verbo “espiar”, isto é, ficar observando) o pecado do povo.

– *Então o povo pecava e o bode era quem “pagava” pelos pecados do povo?*

Sim. A ideia era mesmo essa. Esse bode carregava sobre si os pecados do povo, retirava o mal do meio da comunidade e levava-os para bem longe. Sendo jogado no deserto, Azazel é que se encarregava de cuidar dele. E é daí que vem outra expressão que nós usamos no dia a dia. Quando queremos nos livrar de algo ou de alguém, dizemos: “vá pro diabo que o carregue!”

– *Muito interessante. E os judeus continuam fazendo essa celebração ainda hoje?*

É importante esclarecer que essa celebração era realizada somente no Templo em Jerusalém. Era o único lugar em que podiam ser oferecidos animais em sacrifícios e holocaustos a Deus. Porém, no ano 70 d.C., o Templo de Jerusalém foi destruído pelos romanos e, a partir daí, os judeus não puderam mais oferecer sacrifícios de animais.

– *E nem fazer a celebração do Yom Kippur?*

Depois da destruição do Templo de Jerusalém, as sinagogas espalhadas por toda a Terra Santa e onde havia um grupo de judeus em qualquer parte do mundo passaram a ser o único lugar de celebração dos judeus. O Dia das Expições continuou a ser celebrado sem a imolação dos bodes, sendo um dia sagrado para os judeus.

– *E o cristianismo não assumiu essa celebração?*

Esse foi um problema para as comunidades cristãs, pois quem abraçava a vida cristã, por melhor e santo que fosse, continuava a ter seus pecados. O cristianismo viu na paixão e morte de Jesus o Redentor dos pecados. A Carta aos Hebreus (Hb 9) reflete sobre isso e questiona se o sangue de bodes pode expiar pecados e vê em Cristo a vítima sem mancha que pode purificar o povo de seus pecados.



## 40. O QUE SIGNIFICA CRER?

**Edson:** *Muitas vezes, dizemos que cremos em algo ou alguém. Também no ambiente de fé costumamos dizer que nós cremos: “cremos na Trindade”, “cremos em Cristo”, “creio em Deus Pai, todo-poderoso...”. Mas o que significa “crer” desde o ponto de vista da teologia bíblica?*

**Frei:** Primeiro, vamos responder de modo geral: crer significa abandonar-se, confiar a própria existência a um outro que merece confiança. Crer não é algo que toca somente nossa mente. Vamos tentar comentar isso.

A nossa língua não é muito dada à exatidão. Quando dizemos, por exemplo, que cremos na Igreja, usamos esta preposição “em” + artigo “a”, que resulta “na”. Mas, no latim e no grego, textos que nos ajudam a refletir melhor esta questão “crer na Igreja” e “crer em Deus” são diferentes.

Quando dizemos “creio **em** Deus Pai...”, o latim emprega a preposição “in”. Mas quando rezamos “creio **na** Santa Igreja...”, o latim não emprega esta preposição “in”. Teríamos, então, “creio Santa Igreja...”. Parece estranho, mas qual é o sentido? Significa que cremos que a Igreja existe enquanto obra de Deus.

Entretanto, em relação a Deus (Cristo, Pai, Espírito Santo), o crer (com a preposição “in”) aponta para uma relação. É como se nos jogássemos para dentro de Deus, movimentando-nos de nós para Deus.

*– Mas com isso você quer dizer que crer exige relação, certo? Poderia aprofundar mais a questão com um exemplo?*

Imagine que você encontra um menino de uns cinco anos de idade, e ele torce para um time de futebol. Então você lhe pergunta: “Por que você torce para esse time se já faz tanto tempo que ele não ganha nada?”. O menino certamente responderá: “É que o meu time é o melhor de todos!”. Mas você replica: “Como você sabe disso? Você nunca viu seu time ganhar um título!”.

Se você provocar mais um pouco o menino, com certeza ele dirá algo que é bem comum às crianças: “Eu sei porque o meu pai me disse!”. Veja, o menino não assistiu à conquista de algum título do time dele (ele tem só cinco anos); certamente ele não fez uma pesquisa exaustiva no Google para conferir os títulos do time. Mas ele crê! Entretanto crê no seu pai.

Aí que está o dado mais interessante: ele crê quase que cegamente no pai, pois tem relação com o pai. Tudo o que o pai lhe fez até aquele momento lhe dá segurança para dizer que o seu time de futebol é o melhor de todos, ainda que o momento presente prove o contrário.

Por isso nós dizemos que, desde o ponto de vista da fé, crer também exige relação. Crer (ter fé) exige a razão, mas não é uma certeza intelectual. Crer é uma atitude firme e confiante na pessoa de Jesus.

– *Eu sou pai e entendo essa linguagem da relação com os filhos. Mas, partindo dessa compreensão, seria possível dizer que muitos cristãos não creem verdadeiramente em Deus?*

Prefiro dizer que todos nós cristãos cremos! Mas há estágios diferentes da fé, como dizia São Tomás de Aquino. Ele identificou três diferentes estágios: *credere Deum*, que significaria “creio que Deus existe”; *credere Deo*, equivalente a “acredito que é verdadeiro tudo aquilo que é revelado por Deus”; e *credere in Deum*, que já aponta para o mundo da relação. Como dissemos, este “in” carrega consigo o sentido de “ir para dentro”.

Portanto todos cremos. Mas em qual estágio estamos? Cada um saberá responder sobre si mesmo!

– *Esse verbo é importante nos Evangelhos...*

Sim, é muito importante, sobretudo no Evangelho de João. Eu aconselho a fazer uma boa leitura de todo o quarto Evangelho e sublinhar ou identificar todas as vezes em que esse verbo aparece. Ele perpassa todo o Evangelho. E quem crê também dá testemunho. Portanto, crer não é somente professar algo com os lábios, mas assumir um compromisso, um testemunho de vida, ser um sinal.

## 41. COMPAIXÃO

**Edson:** *Muitas vezes, vemos a Escritura referir-se à misericórdia e à compaixão. Mas há diferença entre compaixão e misericórdia? Ambas relacionam-se a um sentimento apenas?*

**Frei:** De fato, muitas vezes nos deparamos com essas duas palavras na Sagrada Escritura. Inclusive há momentos em que elas são centrais, como no Evangelho de Lucas, que é chamado de “evangelho da misericórdia”. Mas essas duas palavras não têm a ver com um sentimento, seja no Antigo ou no Novo Testamento.

Eu diria que, desde o ponto de vista da Sagrada Escritura, a compaixão tem um sentido um pouco mais denso, forte, prático e concreto. No entanto, ela se aproxima muito da misericórdia. Cito um exemplo: 1Jo 3,17 diz: “Aquele que possuir recursos deste mundo, e vir seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?”.

Quando nossas traduções dizem “fechar o coração”, corremos o risco de tornar a compreensão um pouco doce ou romântica. O termo grego, traduzido por “coração”, é *kardía*, que poderia ser melhor traduzido por “entranhas”.

– *É por isso que a compaixão não deve ser compreendida simplesmente como um sentimento?*

Exatamente, pois o termo é bastante forte. A compaixão deriva do termo *splangna* e tem suas origens no grego clássico, antes de Cristo. Era usado para indicar as partes nobres de um animal que eram oferecidas em algum sacrifício feito aos deuses. Portanto, ao falar em *splangna*, compreendiam-se fígado, coração, rins e pulmões [e baço], ou seja: aos órgãos vitais do corpo. Após o abatimento do animal, esses órgãos eram retirados e oferecidos aos deuses e depois eram consumidos.

Mas esse termo também era aplicado aos órgãos (vitais) humanos, além de designar o ventre materno, assim como tinha um caráter

sentimental. Por isso é que compreendemos que João, na primeira carta (1Jo 3,17), não está falando de “fechar o coração” em um tom “romântico”. Na prática, é como se ele dissesse: aquele que não é capaz de sentir as suas entranhas revolvidas quando vê um irmão em dificuldade, como sente uma mãe quando vê a dificuldade do filho, como pode dizer que permanece nele o amor de Deus?

Portanto, não se trata simplesmente de um sentimento, mas de algo totalmente prático e concreto. Fica, portanto, a dica para todos nós: quer saber se está no amor de Deus, basta ver se nossas “entranhas” ainda se revolvem quando nos deparamos com o sofrimento dos irmãos.

– *E no Antigo Testamento há algum exemplo?*

Há muitos exemplos. Mas podemos tomar por base o texto de 1Rs 3,16-28. Nessa passagem, conta-se a história de duas mulheres que enfrentavam um problema: enquanto dormiam, uma delas sufocou sem querer seu filho, que morreu. Mas ela trocou as crianças antes que a outra acordasse. Resultado: começaram a disputar de quem era a criança ainda viva. Cada uma dizia ser o seu filho. Tiveram então que recorrer ao rei Salomão para que fizesse justiça.

Esse, querendo resolver o problema, disse que cortaria a criança ao meio e daria metade para cada mãe. E é nesse momento que nos surpreendemos com a resposta de ambas. Literalmente, assim diz o texto:

“E disse ao rei a mulher, cujo filho dela era o vivo, pois foram comovidas as suas compaixões [*rahamîm*] sobre seu filho: ‘Ó meu senhor, dai para ela o menino, o vivo, e de modo algum seja morto’. Mas a outra dizia: ‘Nem para mim, nem para ti. Dividi-o’” (1Rs 3,26).

Aquela que era a mãe verdadeira teve suas entranhas da compaixão (do hebraico *rahamîm*) revolvidas. Por que cito esse texto? Pelo fato daquele nos ajuda a compreender que a compaixão apresentada no Antigo Testamento também tem esse sentido existencial. Não se trata de um mero sentimento.

De modo geral, o Antigo Testamento considera *rahamîm* como o centro das emoções, mas com esse amor muito forte, entranhável.

## 42. UMA SÓ CARNE

**Edson:** *Tanto no Novo como no Antigo Testamento encontramos a expressão “uma só carne”, a propósito da união entre o homem e a mulher. Mas qual é o real sentido? Basta falar de uma simples união?*

**Frei:** Essa expressão ocorre em Gn 2,24, logo após o homem ter exclamado: “Ela será chamada *'ishah* (mulher), porque de *'ish* (homem) foi tomada” (Gn 2,23). Primeiramente, é importante destacar essa assonância que há entre *'ishah* (mulher) e *'ish* (homem). Trata-se de um chamado à complementariedade, ou seja, revela que, no princípio, o homem e a mulher viviam em perfeita complementariedade.

Em seguida, o texto bíblico afirma: “Por isso um homem deixa o seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2,24). A palavra “carne” é a tradução do hebraico *basar*, que não significa apenas a carne, mas o corpo, o ser. Por isso compreende-se que o texto fala da união total entre o homem e a mulher.

– *E sobre essa união há algum outro elemento que a revele assim tão forte?*

Com certeza, pois o verbo “unir” é traduzido do hebraico *dabaq*, que não fala apenas de uma aproximação. O *dabaq* (“unir”) expressa a união total e íntima. O mesmo verbo é empregado em Jó 19,20 (o osso unido à pele), em 2Sm 23,10 (a mão unida à espada), em Jr 13,11 (um cinto unido à cintura de um homem), em Sl 137,6 (a língua colada ao céu da boca).

– *Então a noção de indissolubilidade do matrimônio foi tirada desse contexto?*

Podemos dizer que sim, se bem que precisamos considerar toda a reflexão teológica que aconteceu na Igreja para chegar a essa compreensão do *matrimônio*. Mas dessa união extremada se deduz a indis-

solubilidade, pois essa união entre o homem e a mulher seria tão forte, que não seria possível separar.

Mas também é bom recordar que essa união não é um encontro casual. A teologia rabínica entendia que, somente após o casamento, o ser humano alcançaria, de fato, o *status* de imagem e semelhança do Senhor, pois estaria constituído em sua integridade *'ishah* (homem) e *'ish* (mulher).

É como se os dois passassem muito tempo buscando a sua outra metade. Os rabinos judeus afirmam isso embasados em Gn 1,27, que diz: “E criou, Deus, o ser humano. À sua imagem e semelhança Deus o criou. Homem e mulher os criou”. Ou seja, quando o ser humano seria, de fato, imagem de Deus? Quando encontrasse a sua outra parte.

Precisamos ler este texto de Gn 1,27 como a literatura nos pede. Veja:

a) “Deus criou o ser humano”: esta é a primeira parte do versículo. Gramaticalmente, é uma frase completa, com sujeito, verbo e predicado;

b) “À sua imagem e semelhança Deus o criou”: tudo está no singular, ou seja, significa que o ser humano foi criado por Deus;

c) Quem ele criou? O ser humano. Quem é o ser humano? A resposta está na última parte: “homem e mulher os criou”.

Por isso os hebreus entendiam que o matrimônio era condição essencial para experimentar o que significa ser imagem e semelhança de Deus. Sozinho, portanto, haveria só uma parte da carne. Juntos formam o todo!

## 43. O NÚMERO DA BESTA (666)

*Edson: No livro do Apocalipse, há uma indicação numérica sobre a besta, que teria o número 666 (Ap 13,18). É uma questão sempre delicada, pois as interpretações sobre este 666 são variadas. Qual seria o real significado desse número?*

**Frei:** No Ap 13,18, é dito isto: “Aqui é preciso discernimento! Quem é inteligente calcule o número da besta, pois é um número de homem: seu número é seiscentos e sessenta e seis”. Cito o versículo, porque ele revela duas coisas importantes:

a) O autor emprega a linguagem cifrada, e por isso é preciso inteligência para decifrar;

b) O número refere-se a uma pessoa e não a um animal.

Quanto ao número 666: nas línguas hebraica, grega e latina, as letras têm um valor numérico. No latim, por exemplo, sabemos bem o que significa um XVI ou XXI (algarismos romanos). Na antiguidade, não era incomum encontrar um número como referência a um nome. Nas ruínas de Pompeia, por exemplo, uma inscrição diz: “Amo aquela cujo nome é 545”. O nome do *crush* estava criptografado!

Então, o autor do Apocalipse escreve durante um tempo difícil para os cristãos, quando a perseguição do Império Romano era terrível. Ao que tudo indica, o 666 era uma referência ao nome do imperador Nero. Em hebraico, seria escrito assim: NRWN QSR.

O hebraico não tinha vogais. Mas, se fossem acrescentadas, teríamos NeRWN QaiSaR, ou seja, Neron César. O detalhe é que cada letra tem um valor numérico: N = 50; R = 200; W = 6; N = 50; Q = 100; S = 60; R = 200. Some tudo e você terá: 666.

Porém, em alguns manuscritos antigos, encontramos o número 616, que seria a variante latina do nome de Nero, pois em latim não havia o “n” final (não era Neron, apenas Nero). Já que o “N” tem valor de 50, teríamos:  $666 - 50 = 616!$

– *Mas se o Apocalipse foi escrito em grego, faria sentido um nome hebraico no texto?*

Sim, faria sentido. Não significa que o texto foi escrito em hebraico. Significa que foi empregado o alfabeto grego para uma palavra hebraica. É como dizer “dabar”, que no hebraico significa “palavra” e que tem escrita totalmente diferente no hebraico. E João usou outras palavras hebraicas no texto: abaddon (Ap 9,12); harmagedon (Ap 16,16); amém (Ap 3,14).

– *E a famosa identificação do 666 com o papa?*

Essa é uma grande imprecisão. Fizeram essa soma a partir do título dos papas: em latim, *Vicarius Christi* (representante ou enviado de Cristo). Quem identificou o 666 com o papa o fez a partir do título *Vicarius filii Dei* (vigário do filho de Deus). Mas esse título não é empregado pelos papas.

Além disso, há que se considerar que, no Apocalipse 13,18, o 666 corresponde a um homem e não a um nome. E a noção de que seria o “anticristo” é imprecisa, pois o anticristo aparece somente em outros escritos (1Jo 2,18; 4,3; 2Jo 7), como referência aos falsos profetas e não à besta.

– *Parece importante considerar que a besta corresponde a uma força do mal, não é?*

Sim, a besta, cujo valor numérico é 666, é alguém extremamente mau, que recebeu o poder do dragão, símbolo de Satanás (Ap 12,9), que perdeu a batalha para Jesus no céu e foi expulso para a terra (Ap 12,9.13), onde começou a perseguir a Igreja.

Por isso, se quisermos atualizar o 666, no mínimo se deveria fazer referência a alguém muito maldoso. Quem identifica o 666 com o papa o faz porque parece mais fácil identificar a besta como um “inimigo” de religião, mas parece difícil querer enxergar quem, de fato, pratica o mal no mundo. Precisa muita fé e muito senso de realidade para identificar quem é que realmente pratica o mal!



## 44. VERSÍCULOS DA BÍBLIA MAL INTERPRETADOS

**Edson:** *Nós sabemos que a interpretação de um texto requer sempre muita atenção. E isso não é diferente com a Bíblia, pois há muitos textos que exigem atenção para a boa interpretação. Mas seria possível listar alguns textos que foram interpretados de um modo, mas queriam dizer outra coisa?*

**Frei:** Com certeza, há textos que são mal interpretados, sim. Algumas vezes, as traduções que temos não ajudam. Outras vezes, os tradutores inseriram algum detalhe para facilitar a compreensão do texto, mas não ajudaram muito.

O primeiro versículo que vamos analisar é Jo 6,42: “Esse não é Jesus, o filho de José, cujo pai e mãe conhecemos?”. Quase sempre achamos que o texto todo se refere a Jesus e que, por isso, a “mãe” citada ali é Maria. Mas a frase “cujo pai e mãe conhecemos” não se refere a Jesus, mas a José.

No texto grego, nós temos um pronome relativo logo após o nome de José. Isso significa que a frase “cujo pai e mãe conhecemos” é uma referência a José, e não a Jesus. Logo a “mãe” citada aí não é Maria, mas a mãe de José, que não sabemos quem era!

Outro versículo está no Salmo 132 ou 131 (nos litúrgicos e na edição Ave Maria): “Lembra, ó Senhor, do *rei* Davi e de todas as suas fadigas”. Mas a Bíblia Hebraica não apresenta a palavra “rei”. Diz apenas: “Lembra, ó Senhor, de Davi”. Por que isso parece importante? Dentro do Livro dos Salmos, a partir do Salmo 90 (89), nenhuma vez mais Davi foi mencionado como rei. Somente Deus passa a ser chamado de rei.

Em Cl 4,18 lemos: “Vós, mulheres, submetei-vos aos maridos como convém no Senhor”. É importante dizer que há um novo sentido: “no Senhor”. Ou seja, não se trata de uma submissão cega. Além disso, este

verbo submeter-se (do grego *hupotássō*) também é empregado em 1Cor 15,28, referindo-se à submissão de Jesus Cristo ao Pai. Portanto, submeter-se equivale a assumir para valer aquilo, neste caso a vida familiar. E é evidente que os homens precisam ler as recomendações de Cl 3,19!

Outro versículo é Os 6,1-3. Parece ser um texto lindo, doce, um verdadeiro chamado à conversão e um atestado da misericórdia divina. É comum utilizar pregações feitas a partir desse texto em celebrações penitenciais.

Mas a verdade desse texto é outra: o povo, na época, pensava que Deus seria como *Ba'al* (deus da fertilidade). Que bastaria fazer uma “ofertazinha” e esse Deus olharia para eles, abençoaria e tornaria fecundos seus rebanhos. Basta ler o resto do texto (Os 6,4-6), e vemos que ele não é tão “doce” quanto parece!

Outro texto interessante é Am 3,12: “Assim falou o Senhor: Como o pastor salva da boca do leão duas patas ou um pedaço da orelha, assim serão salvos os israelitas...”. Parece um texto bonito, não é? Realmente é, mas ele é cheio de ironia. Refere-se à lei sobre o empréstimo de um animal (Ex 22,9-13).

Essa lei previa que aquele a quem fosse confiado um animal (um pastor...) não seria castigado se apresentasse uma prova de que uma fera o teria devorado.

Por isso, em Am 3,12, temos uma irônica alusão a essa lei: o que resta de Israel são pedaços que testemunham a inocência do pastor, que é Deus e é, ao mesmo tempo, juiz e parte no processo.

– *Um versículo que chama a atenção é quando Jesus na cruz exclama: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15,34; Mt 27,46). Jesus morreu abandonado pelo Pai?*

Os judeus conheciam os Salmos de cor, e naquela época os Salmos não tinham título e nem eram numerados. Para indicar um Salmo, usavam-se as primeiras palavras do Salmo. A frase é o início do Salmo 22 (21), que é um grito de angústia de um perseguido, e no decorrer do Salmo torna-se a certeza de que Deus fará justiça. Jesus sabe que vai morrer injustamente e morre confiando em Deus Pai.

## 45. O QUE A BÍBLIA DIZ SOBRE O ESTUPRO?

**Edson:** *Sabemos que há, na Bíblia, algumas leis que tratam da moral sexual. Mas o que a Bíblia fala sobre o estupro?*

**Frei:** Os textos bíblicos não justificam o estupro, mas o condenam. A condenação principal é contra o homem estuprador, tanto que a condenação é “a morte”. As leis relacionadas a essa situação estão no livro de Deuteronômio e são complementares ao sexto mandamento (Dt 22,13-23,15). Todas essas leis giram em torno da moral sexual e do ambiente familiar. E na seção de Dt 22,13-29, há leis relativas à dignidade da mulher.

Outro detalhe: as leis falam sobre a mulher **casada** (Dt 22,13-21.22), a mulher **noiva** (Dt 22,23-27) e a mulher **solteira** (Dt 22,28-29). Quanto a essa última, o texto não diz nada sobre o consentimento ou falta do consentimento da mulher.

– *Mas são tratados como caso de estupro ou a lei não diz nada sobre isso?*

Há uma referência apenas no texto relativo à jovem prometida em casamento, ou seja, noiva (Dt 22,23.25). É dito que, se ela foi encontrada pelo homem no campo e foi violentada, então ele deveria ser apedrejado até a morte, pois ela poderia ter gritado, mas ninguém a teria escutado. Então ela não teria um pecado (Dt 22,26-27) que merecesse sua morte. Esse caso é tratado como violência sexual. Os demais são tratados como adultério.

Mas há um caso estranho: se a jovem (virgem) fosse abusada (o texto fala “pega, agarrada”), o homem que havia “se deitado” com a jovem deveria pagar uma quantia ao pai da menina, deveria ter a menina para sempre como esposa e nunca mais poderia se divorciar dela (Dt 22,28-29). Ou seja, ela deveria se casar com o abusador. Muito estranha essa lei!

Em outros casos, a pena de morte varia: ou só para a mulher, ou para os dois. No primeiro caso, em relação à jovem que se casou e o marido percebeu que ela não era virgem, ele poderia “reclamar”. Se estivesse mentindo, seria punido, embora não com a morte (Dt 22,18), e ele não poderia mais se divorciar da mulher (Dt 22,19). Mas se ele estivesse certo, a mulher seria apedrejada (Dt 22,20-21).

O caso de Dt 22,28-29 é semelhante ao primeiro caso de estupro que há na Bíblia (Gn 34,1-31), quando Dina, filha de Jacó, foi violentada. Nesse caso, Siquém (o estuprador) quis se casar com a vítima. E, a princípio, foi aceito o casamento, desde que os machos da família de Hemor, pai de Siquém, fossem circuncidados (Gn 34,13-24). Mas, por fim, Simeão e Levi, que eram irmãos de Dina, mataram Hemor, Siquém, e fizeram as mulheres e crianças escravos (Gn 34,25-31). É um típico caso de violência sendo paga com violência.

– *Mas essas leis podem ser aplicadas literalmente ao nosso contexto?*

Essas leis pertenciam a um momento muito diferente da história. Quanto à sua aplicação e interpretação, podemos tomar o exemplo de Jesus: em Jo 7,53-8,11, Jesus não foi conivente com aquele grupo que queria apedrejar a mulher que havia sido tomada em adultério. Por que só ela deveria ser apedrejada? Onde estava o homem que havia participado do adultério?

Já no tempo de Jesus, parece que a situação merecia reflexão. Ninguém apedrejou a mulher adúltera, muito menos Jesus Cristo. Pelo contrário, Jesus agiu com compaixão.

Portanto, todas essas leis do Deuteronômio devem ser lidas à luz do Novo Testamento. Jesus mostrou-se sempre acolhedor das pessoas excluídas e marginalizadas pelo sistema da época. Ao contrário, mostrou-se duro e condenou sempre os opressores, fossem eles pessoas, grupos ou o sistema.

Hoje, seria lamentável que alguém usasse a Bíblia para acusar as mulheres, sobretudo quando são estupradas, quando sofrem violência do mais forte. A Bíblia tem um projeto em defesa da vida, sobretudo quando a vida é ameaçada, quando os mais fracos são pisados e humilhados.

## 46. LÚCIFER

**Edson:** *No livro do profeta Isaías 14,12, encontramos esta frase: “Como caíste dos céus, ó Lúcifer, filho da aurora?” A dúvida, portanto, é: este texto fala da queda de Satã, chamado Lúcifer?*

**Frei:** Então, apenas algumas traduções dizem “lúcifer” em Is 14,12. Outras dizem “estrela da manhã”. A tradução da chamada *Vulgata* (do hebraico para o latim) foi que inseriu este termo Lúcifer. Mas é uma tradução. Na Bíblia Hebraica, encontramos o termo *hêlel*, que pode ser traduzido como “estrela vespertina” ou “estrela da manhã”.

– *É certo, então, que esta tradução de “lúcifer” (Is 14,12) não é uma referência ao demônio? Mas quem seria então esta “estrela da manhã”, traduzido na Vulgata por “lúcifer”?*

Neste texto de Isaías (14,12), “lúcifer” não se refere ao demônio. Basta lermos Is 14,3-23 e fica bem claro que o texto é uma sátira contra o rei da Babilônia (Nabucodonosor ou Nabômides). Leia atentamente Is 14,3-8 e você já terá uma ideia!

Além disso, poderíamos destacar alguns elementos do próprio texto do livro do profeta Isaías:

a) Is 14,9-11 fala da “morte” do rei, ou seja, a descida à mansão dos mortos, que era chamada de *sheol* (Is 14,9);

b) O texto afirma que o seu cadáver está coberto de vermes. Se fosse Lúcifer (demônio), teríamos que dizer que o anjo mais poderoso de Deus teria morrido. Mas os anjos não morrem (Lc 20,35-36);

c) As pessoas zombavam do rei da Babilônia, pois ele fazia os povos tremerem de medo e oprimia as outras nações, mas agora o rei está morto (Is 14,16);

d) Se fosse Lúcifer, ele teria sido punido por dizer “subirei ao céu” (Is 14,13)? Mas Lúcifer já não estava nos céus?

– *Este termo também ocorre no Novo Testamento? E é uma referência ao demônio?*

Sim, o termo *lúcifer* ocorre algumas vezes, mas somente na versão do Novo Testamento em latim. Além de uma outra em Jó 11,17 (no Antigo Testamento), ele ocorre na Segunda Carta de Pedro (2Pd 1,19) e no Apocalipse (Ap 2,28). E precisamos dizer o seguinte: são formas positivas, apenas uma tradução para o latim tem o significado de estrela da manhã.

Inclusive em Ap 2,28, o latim emprega o termo “*lúcifer*” para Cristo. Mas se você conferir na sua Bíblia, só encontrará algo relacionado à “estrela da manhã”.

– *Há alguma referência dessa compreensão positiva do termo lúcifer com a corrente que dizia que os cristãos adoravam lúcifer?*

Com certeza existe, pois foi por causa desse texto que alguns grupos diziam que os cristãos eram adoradores de *lúcifer*! Isso seria um problema? A princípio não, desde que entendamos que, no latim, *lúcifer* significa “estrela da manhã”. Mas que fique claro: é apenas um termo aplicado a Cristo! E tem um sentido positivo.

Sei que essa referência não é fundamental. Mas como o termo está na Bíblia, e nós tratamos de temas relacionados a ela, não seria possível deixarmos de comentar essa aplicação de “*lúcifer*” para Cristo!

– *Concluindo: lúcifer não se refere ao demônio...*

Bem, aqui nós falamos desde o ponto de vista da Sagrada Escritura. O que as culturas e a história universal criaram sobre “*lúcifer*” é outro assunto. Fique claro: na Bíblia, “*lúcifer*” não se refere ao demônio!

## 47. O CEDRO DO LÍBANO

**Edson:** *O Salmo 92,13 diz que “o justo brota como a palmeira, cresce como o cedro do Líbano”. Mas a Bíblia faz outras referências a essa árvore, correto? Por quê?*

**Frei:** Sim, essa árvore é citada mais de 70 vezes na Bíblia. Talvez a citação mais importante seja a do Salmo 92,13 e de Os 14,6. Esse cedro é originário das montanhas do Líbano, Síria e Turquia. É uma árvore muito forte.

Inclusive, sua madeira foi usada pelos fenícios na construção de embarcações comerciais, além de ser usada na construção do Templo de Jerusalém, no palácio real (1Rs 5-9). E outros povos também faziam uso dela, pois era venerada como madeira nobre.

Mas esse cedro tem algo muito diferente, que nos faz compreender melhor todas as vezes em que é citado na Bíblia como metáfora de uma qualidade do ser humano: o cedro do Líbano foi chamado de “madeira eterna”.

Ele cresce devagar, mas atinge até 40 metros de altura. Nos primeiros três anos, as raízes crescem até um metro e meio de profundidade, mas a planta atinge apenas cinco centímetros acima da terra. É a partir do quarto ano que a árvore começa a crescer (20 cm por ano).

*– O cedro do Líbano também tem a solidez e resistência como uma marca importante, não é?*

Sim, inclusive o cedro do Líbano suporta vento, calor e seca, pois suas raízes se aprofundam muito e buscam água nos lençóis freáticos. Enquanto toda raiz que cresce muito para ao atingir a rocha, a raiz do cedro do Líbano continua a crescer em volta da rocha, abraçando-a até encontrar água. Com quarenta anos é que ele começa a produzir sementes.

Por isso é chamado de “madeira eterna” e carrega consigo a imagem da solidez, firmeza, harmonia... Resiste às intempéries – tem-

pestade, seca, excesso de chuva – e vive muitos séculos. Prefere os lugares altos (montanhas), já que precisa muito do sol.

A partir desses detalhes, conseguimos compreender bem a razão do cedro do Líbano ter sido empregado como metáfora para o crescimento do justo. Também podemos tomar Oseias 14,2-9: é um texto lindo, que também faz referência ao cedro do Líbano e revela que, com a graça de Deus, o orvalho que se derrama sobre seu povo, lançaremos nossas raízes como esse cedro (Os 14,7), ou seja, sere-mos fortes, firmes, resistentes e teremos o perfume como dessa árvo-re (Os 14,7).

– *E qual o peso dessa metáfora do cedro do Líbano no texto de Os 14,2-9?*

Bem, para responder essa questão, precisamos prestar atenção a alguns detalhes do texto. vejamos:

a) Logo no primeiro versículo (Os 14,2), temos o verbo “voltar”, repetido em 14,3.8. E parece um verbo muito importante, pois fala de um movimento existencial que somos chamados a fazer em relação a Deus;

b) Depois disso, Os 14,3 diz: “Aceita o que é bom/belo”. O que teríamos de “belo” (“bom”) para oferecer a Deus? Parece uma pergunta sugestiva;

c) Os 14,4 afirma que o órfão encontra o amor entranhável (*rahamin*) em YHWH, nosso Deus. A compaixão ou misericórdia que ocorre aqui não é “dó”, não é “bom pensamento”, mas ação de Deus;

d) Por fim, em Os 14,5-8, é Deus mesmo que faz suas promessas e nos enche de esperança. É nesse momento que essa metáfora do cedro do Líbano ganha força. Deus diz que, com sua graça e movi-mentando-nos em sua direção, aprofundaremos nossas raízes.

Enfim, há todo um movimento que antecede o emprego de todas as metáforas usadas em Os 14,6-8. Inclusive fala do vinho do Líbano (Os 14,8). Esse eu não saberia dizer como era. Mas, com certeza, não era aquele vinho ruim que nos dá dor de cabeça!



## 48. PERMANECER NO SENHOR

**Edson:** *Os evangelhos dizem, em alguns textos, que os discípulos permaneceram ou “ficaram” com Jesus. Desde o ponto de vista da Bíblia, qual o sentido deste “permanecer” e “ficar”?*

**Frei:** O verbo “permanecer” é muito importante na Bíblia. Ele tem uma força especial no Evangelho de João (Jo 15,1-17). Nesse texto, nas onze vezes em que ocorre esse verbo, sete delas falam da relação do discípulo com Cristo: “permanecei em mim” (Jo 15,4<sup>2</sup>.5.6.7) e “permanecei no meu amor” (Jo 15,9.10).

Se não bastasse a força do verbo “permanecer”, o número sete é sempre relacionado à perfeição, isto é, enfatiza a força do “permanecer” com Jesus.

Jesus faz a comparação da videira e seus ramos. Se o ramo não permanece unido à videira, não pode dar frutos; só serve para ser jogado fora e queimado. Assim é a relação do discípulo com o Mestre: só pode dar frutos se estiver ligado a Jesus.

– *Onde mais o verbo “permanecer” é usado?*

No início do Evangelho de João, também ocorre o uso desse verbo no contexto do chamado dos primeiros discípulos. É dito, então, que os discípulos “foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia” (Jo 1,39). Isso significa que os dois discípulos, em sua liberdade, propuseram-se a seguir Jesus. Mas esse movimento “foram, viram” antecipa o essencial: permaneceram com Jesus.

– *Permanecer tem, então, uma conotação quase catequética?*

Sim, pois o sentido de “permanecer” aponta para o momento do discipulado. Refere-se ao aprendizado com o mestre e à convivência com o Mestre a fim de que o discípulo não caia no vazio nem tenha um conteúdo vazio.

Nesse sentido, o texto de Mc 3,13-19 faz muito sentido quando Jesus chama e constitui os doze apóstolos. Marcos enumera três razões pelas quais o discípulo é chamado. Mas a primeira é a mais importante: “Ele constituiu, então, Doze, para que permanecessem com ele” (Mc 3,14).

*– Podemos dizer, portanto, que “permanecer” se refere mais à existência e ao aprendizado do que a um tempo determinado, certo?*

Exatamente! Permanecer tem esse sentido relacional. É por isso que o mesmo verbo “permanecer”, do grego *méno*, é empregado em Jo 14,10 ao falar do Filho que permanece no Pai. Ou seja, a mesma relação estreitada que há entre o Pai e o Filho os discípulos precisam desenvolver com Jesus Cristo.

Permanecer com Jesus equivale também ao aprendizado. E o mais importante: precede a missão. A missão é muito importante. Mas, primeiramente, o discípulo precisa ter rodagem, ou seja, conviver com Jesus, ter relação aprofundada e estreitada com o Mestre. Eles precisam conviver e aprender. Conhecer o Mestre, pois eles irão anunciar quem ele é, o que ele faz e o projeto que ele está propondo. E isso não se aprende do dia para a noite.

*– Que bonito isso: primeiro vem o aprendizado, permanecer com Cristo; depois a missão!*

Permanecer exige tempo, disponibilidade, abertura, deixar-se moldar e formar pelo Mestre. Ou mais: deixar-se transformar por ele. Tomara que nós nos sintamos com muita vontade de permanecer com Jesus, pois só assim é que poderemos nos sentir discípulos e discípulas. Caso contrário, seremos no máximo “obreiros”, fazedores, mas sem a essência daqueles que vivem com o Mestre Jesus. Muitas pessoas até falam muito em Jesus, porém não tiveram aquele tempo de aprendizado, de ficar a seus pés. Por isso anunciam muito mais um “Jesus Cristo” que eles mesmos inventaram e não o Jesus dos Evangelhos.

## 49. O REDENTOR

**Edson:** *Nós conhecemos a palavra “redentor” pelo fato de ela ser um atributo de Jesus Cristo. Para nós, brasileiros, ela tem uma conotação especial por causa da imagem do Cristo no Rio de Janeiro. Mas essa palavra também ocorre no Antigo Testamento?*

**Frei:** Sim, o Antigo Testamento trabalha muito bem a noção do redentor. Em hebraico, é *go’el*, que significa resgatar, reivindicar, proteger, redimir, vingar. Esse termo expressava a solidariedade que devia haver entre a família. Portanto, antes de qualquer coisa, precisamos saber que o *go’el* era uma instituição familiar no antigo Israel.

Se um israelita tivesse contraído uma dívida, que o levasse a ser vendido como escravo, ele deveria ser “resgatado” por um parente próximo, um irmão (Lv 25,17-49). Do mesmo modo, se ele precisasse vender sua propriedade, um parente próximo (irmão) ou *go’el* teria a preferência na compra (Lv 25,25). Desse modo, livre da escravidão, retornaria ao âmbito familiar; a terra também não seria perdida e permaneceria com o clã ou a família. Por isso o *go’el* tinha essa função de resgatar, restaurar o que se havia perdido.

*– Mas se o redentor, ou go’el, era uma instituição familiar, como é que esse termo foi aplicado a Deus? Há alguma situação ou texto que revele isso?*

Antes de responder essa questão, precisamos retomar um dado histórico: no ano de 586 a.C., aconteceu o chamado “exílio da Babilônia”, momento em que muitos hebreus perderam terra, família, viram a cidade santa, Jerusalém, ser destruída. E há textos bíblicos que são próprios desse contexto e do pós-exílio.

Agora respondo: sim, há textos bíblicos que apresentam Deus como *go’el*. E o detalhe bonito é que são textos do período do exílio. Os livros de Isaías 40-55, chamado de 2º Isaías, e Isaías 56-66, chamado de 3º Isaías, apresentam essa ideia (Is 41,14; 43,14; 44,6.24; 49,7; 59,20).

Esses “dois” Isaías (2º e 3º) são do exílio e pós-exílio. E é fantástico observarmos que, nesse momento trágico da história do povo escolhido, Deus apresentou-se como o redentor/resgatador de seu povo. Nesse sentido, o *go’el*, que era uma instituição familiar, passou à linguagem religiosa. Deus foi o *go’el* de seu povo.

– *Alguns textos bíblicos relatam Deus como o “vingador”. Isso faz sentido?*

Faz muito sentido. Pois Deus é como o pai de seu povo. Ele cuida dos seus filhos. Portanto, quando o povo é injustiçado, Deus torna-se o seu *go’el*. Um dado interessante é que, quando o povo é maltratado, Deus se “vinga”. Porém, não é uma vingança no sentido de eliminar ou matar o opressor. Deus age sobre quem foi injustiçado. Exemplos: o faraó escravizou o povo no Egito, e Deus foi lá e libertou o povo; a Babilônia levou o povo ao exílio, e Deus o trouxe de volta para a terra. Podemos dar outro exemplo no Novo Testamento: os romanos e a elite judaica condenaram e crucificaram Jesus; Deus Pai o ressuscitou.

– *Há ainda outros exemplos?*

Outro exemplo muito conhecido é o de Jó. Satã tirou tudo o que Jó possuía e ainda por cima o feriu com chagas na pele. Na sua dor e sofrimento e diante das acusações de seus três amigos, Jó exclama: “Eu sei que o meu redentor (*go’el*) está vivo” (Jó 19,25).

– *E por que Jesus Cristo é chamado de Redentor?*

No Novo Testamento, Jesus é visto como o redentor de toda a humanidade. A sua morte na cruz é vista como uma redenção. É ele quem resgatou a humanidade de seus pecados através de seu sangue derramado, como se pode ver em várias passagens: “com seu próprio sangue adquiriu uma redenção eterna” (Hb 9,12); “por seu sangue nós temos a redenção” (Ef 1,7); “nós fomos resgatados pelo sangue de Cristo” (1Pd 1,19). Jesus entrega a sua vida para nos resgatar (Mt 20,28; Mc 10,45). Por meio da ressurreição também nos resgata da morte. Ele fez de um povo escravo um povo de filhos (1Jo 3,2; Gl 4,7). Por isso podemos dizer: Jesus Cristo é nosso Redentor!

## 50. SANTOS, PERFEITOS OU MISERICORDIOSOS?

**Edson:** *Nós vemos em Mt 5,48 o seguinte chamado: “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito”. Mas não temos também a frase “sede santos”, além de “sede misericordiosos”? Qual o sentido de todos esses imperativos?*

**Frei:** Pois é, temos todas essas falas na Sagrada Escritura. Em Mt 5,48: “Sede **perfeitos** como o vosso Pai celeste é perfeito”; já em Lc 6,36: “Sede **misericordiosos** como vosso Pai é misericordioso”; e no Lv 19,2: “Sede **santos**, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo”. São livros bíblicos diferentes com significados ligeiramente diferentes.

O problema não está na variação dessa frase, mas na compreensão. Quando Jesus no Evangelho de Mateus afirma “sede perfeitos” ele não está dizendo que devemos ser certinhos, quadrados, sem pecados, ou seja, não chama a atenção para o aspecto moral, mas para a vocação primeira do ser humano, que foi criado por Deus para viver com Deus.

Imagine um bucal da lâmpada ou uma tomada. Quando dizemos que ela é perfeita? Quando ela se encaixa totalmente com o seu fim. É essa visão que o texto bíblico propõe. Antes de chamar a atenção para o aspecto moral, estaria salientando o aspecto ético ou, como costumamos dizer, o caráter. Para melhorar, o que importa é a vocação do cristão.

*– Ser perfeito vai muito além dessa ideia de ser certinho...*

Com certeza vai muito além. Além disso, “perfeição”, nesse texto, significa “ser pleno”, “acabado”, “cheio”, “que não falta mais nada”. Assim, se o cristão é perfeito, ele também é misericordioso e, por sua vez, também é santo.

O livro do Levítico, quando trata da santidade, pensa na separação para o Senhor. É como se o povo devesse dedicar toda a sua vida ao Senhor, ou seja, ser separado somente para Ele. É importante ressaltar que, para o Levítico (como também para os Profetas), a santidade está

ligada com a justiça. Ou seja: o povo deve apresentar-se diante de Deus como um povo santo e na comunidade como um povo que pratica a justiça. Não existe separação entre essas duas dimensões. Inútil querer ir ao Templo, apresentar oferendas para agradar a Deus, se está com as mãos sujas de sangue (basta ver o texto de Isaías 1,10-20).

– *Em Lucas, a busca fundamental é a misericórdia?*

Exato. Em Mateus, a busca fundamental é: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça” (Mt 6,33). Já em Lucas, a busca fundamental é: “Sede misericordiosos como vosso Pai celeste é misericordioso” (Lc 6,36). Não existe contradição entre os dois Evangelhos, mas complementação. Mateus é o Evangelho da justiça; Lucas é o Evangelho da misericórdia. Justiça e misericórdia andam de mãos dadas. E é sempre bom lembrar que misericórdia não é apenas uma “boa ideia”, mas é ação concreta. E o modelo está no agir de Jesus, que se mostrou misericordioso diante das pessoas excluídas, marginalizadas, doentes, sofredoras...

– *O chamado à santidade está presente também no NT?*

Sim, sobretudo nas Cartas Paulinas. O apelo à santidade é fundamental na vivência cristã e deve ser em todos os tempos e lugares. Paulo pede aos tessalonicenses: “A vontade de Deus é que sejais santos” (1Ts 4,3), pois a vida cristã é um chamado à santidade (1Ts 4,7). Dessa forma, passa-se da condição de escravidão dos ídolos para o serviço da justiça e santidade (Rm 6,15-23).

A santidade é um tema caro ao apóstolo Paulo. Para ele, os cristãos são chamados à santidade (Rm 1,7; 1Cor 1,2). Os membros da comunidade são seguidamente chamados de santos (Rm 1,1.7; 8,27; 1Cor 1,2; 6,1.2; 14,33; 2Cor 1,1; Ef 1,1.4.15.18; Fl 1,1; Cl 1,2.4.12; 2Ts 1,10; Fm 5,7, etc.). Essa santidade manifesta-se na fidelidade ao Evangelho e na vivência fraterna entre irmãos. A santidade é vivida assumindo a cruz de cada dia, ofertando a vida como um sacrifício santo e agradável a Deus (Rm 12,1-3) e servindo na obra de Deus (Rm 15,16; 1Ts 5,23; Ef 5,26).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO SCHÖKEL, L.; C. CARNITI. **Salmos**. vol. I. São Paulo: Paulus, 1996.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

BOVON, F. **El Evangelio según San Lucas**. Salamanca: Sígueme, 2005. 4 vol.

BROWN, R. E. **El evangelio según Juan**. v. II. Madrid: Cristandad, 2000.

CENTRO INFORMÁTICA E BÍBLIA. ABADIA DE MAREDSOUS. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola/Paulinas/Paulus/Academia Cristã, 2013.

DONNER, H. **História de Israel e dos povos vizinhos I e II**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FABRIS, R; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos II**. São Paulo: Loyola, 1992.

FITZMYER, J. A. **El Evangelio según Lucas**. Madrid: Cristandad, 1986. 4 vol.

GARCIA LOPEZ, F. **O Pentateuco**. São Paulo: Ave Maria, 2004.

JEREMIAS, J. **Jerusalém no tempo de Jesus**: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2010.

KONINGS, J. **Evangelho segundo João**: amor e fidelidade. São Paulo: Loyola, 2005.

KRAUS, H-J. **Los Salmos (60-150)**. Salamanca: Sígueme, 2014.

LÉON-DUFOUR, X. **Leitura do evangelho Segundo João**. v. IV. São Paulo: Loyola, 1998.

LÉON-DUFOUR, Xavier (Org.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 2013.

LORENZIN, T. **I Salmi**. Milano: Paoline, 2001.

- MANNUCCI, V. **Bíblia palavra de Deus**. São Paulo: Paulus, 2008.
- MARGUERAT, D. (Org). **O Novo Testamento**: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009.
- MAZZAROLO, I. **Lucas em João**: uma nova leitura dos evangelhos. Porto Alegre: Mazzarolo, 2000.
- MAZZAROLO, I. Lucas. **A Antropologia da Salvação**. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.
- McKENZIE, J. L. **Dicionário Bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. Doc. 134. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **Inspiração e verdade da Sagrada Escritura**: a Palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo. São Paulo: Paulinas, 2014.
- VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- VAZ, A. dos S. **Palavra viva, escritura poderosa**: a Bíblia e as suas línguas. Lisboa: Universidade Católica, 2013.
- ZENGER, E. **I Salmi**: preghiera e poesia. vol. I. Brescia: Paideia, 2013.



A chegada do Santo Livro II prova, definitivamente, que o nosso quadro com o mesmo nome no programa “Sementes do Reino”, na Rádio Paiquerê 91,7 FM, está em constante atualização, olhando além dos limites do estúdio, com a parceria inestimável dos amigos Frei Ildo Perondi e Frei Rogério Goldoni Silveira, sempre solícitos para as entrevistas semanais, cujo tema central é a Palavra de Deus. São 50 temas à disposição dos nossos leitores, todos gerados nas conversas ao vivo com os professores de Bíblia, com a pauta feita a partir de dúvidas dos ouvintes ou de acordo com a liturgia do dia. Considerando que os temas são abordados de maneira intertextual, achamos melhor evitar as divisões em Antigo e Novo Testamentos, deixando a leitura bem no clima do programa ao vivo. Cada tema tem o seu conteúdo disposto em duas páginas e, para facilitar a leitura, está apresentado com o mesmo modelo de sucesso da primeira edição: em perguntas e respostas.